

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Janeiro-Fevereiro de 2009



No perfume de Maria,
um aroma que perdura, p. 27

A morte de Cristo e a nossa salvação

O que significa dizer que Jesus "é a propiciação pelos nossos pecados"



Duas faces da mesma moeda, p. 14

A força do evangelismo relacional, p. 9



Poder para crescer

Nunca é demais lembrar que o trabalho pessoal é tão importante como a proclamação pública. Precisamos pregar às massas, bem como necessitamos ministrar pessoalmente aos indivíduos. Entregando-nos ao poder de Deus, seremos instrumentos através dos quais Ele atuará.

Deus concede poder. “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo” (At 1:8). Com o Espírito Santo, podemos fazer tudo; sem Ele, nada podemos fazer.

Deus ensina o processo. “Sereis Minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da Terra” (At 1:8). Começando no lar, siga a sequência natural, alcançando, primeiramente, sua família, seus amigos, vizinhos e pessoas em geral, até que o mundo todo seja iluminado pelo evangelho.

Deus promete. “Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao Céu virá do modo como O vistes subir” (At 1:11). Essa promessa deve motivar nosso trabalho.

Deus estabelece a premissa. “Todos estes perseveravam unânimes em oração, com as mulheres, com Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dEle” (At 1:14). Comece onde os primeiros discípulos começaram: com unidade, oração e busca do Espírito Santo.

Deus fornece a proclamação. “Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados” (At 2:38). O conteúdo de nossa pregação é claro: Jesus, arrependimento e batismo.

Deus profetiza. “Recebereis o dom do Espírito Santo. Pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos...” (At 2:38, 39). Os mesmos dons que foram derramados pelo Espírito Santo sobre a igreja primitiva estão ainda disponíveis à igreja dos nossos dias.

Deus projeta. “E para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar” (At 2:39). As Escrituras preveem uma mensagem salvadora que abarca e ilumina o mundo inteiro.

Deus estabelece o propósito. “Com muitas outras palavras deu testemunho e exortava-os, dizendo: Salvai-vos desta geração perversa” (At 2:40). Planeje corajosas iniciativas direcionadas à salvação de pessoas.

Deus persuade. “Então, os que lhe aceitaram a palavra foram batizados” (At 2:41). No Pentecostes, a pregação de Pedro foi tão poderosa que seus ouvintes alegremente aceitaram a mensagem.

Deus Se encarrega dos resultados. Houve “um acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas” (At 2:41). À confiança nos planos de Deus seguem-se abundantes resultados.

Deus cria o programa. “Perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações” (At 2:42). Esforços determinados e organizados para discipular novos crentes incluem: estudo da Bíblia, oração, fraternidade, testemunho e obediência.

Deus provê evidências. “Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos” (At 2:43). Maravilhosas manifestações acompanham a experiência de vidas transformadas.

Deus atende a necessidades. “Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum” (At 2:44). Uma igreja unida atenta para as necessidades de todos os membros.

Deus provê participação. “Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade” (At 2:45). Uma igreja unida encoraja todos a partilhar e sacrificar.

Deus é presente. “Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração” (At 2:46). Jesus permanece entre Seu povo, por meio da habitação do Seu Espírito.

Deus providencia o louvor. “Louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo” (At 2:47). A vida de oração produz alegria em nossa jornada e aceitação por parte de quem nos observa.

Deus faz prosperar. “Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos” (At 2:47). O Senhor vê o evangelismo como processo constante; não apenas como evento passageiro.

Deus provê o galardão. “Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles” (Ap 21:3). ▀

Editor:

Zinaldo A. Santos

Assistente de Redação:

Lenice F. Santos

Revisoras:

Josielí Nóbrega e Rosemara Santos

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Designer Gráfico:

Marcos S. Santos

Capa:

Ilustração de Thiago Lobo

Colaboradores Especiais:

Bruno Raso; Ranieri B. Sales;
James Cress; Nikolaus Satelmajer

Colaboradores:

Edilson Valiante; Edwin Regalado Lozano; Fe-
liz Santamaria; Francisco C. Bussons; Horácio
Cairus; Ivanildo B. Oliveira; Nancy Araújo;
Jair Góis; Montano de Barros Netto; Patrício B.
Alfaro; Samuel Jara; Valdilho Quadrado

Diretor Geral:

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: www.cpb.com.br

E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaeministerio

Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para
a revista *Ministério* deve ser enviado para
o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 44,00

Exemplar Avulso: R\$ 9,20



Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial, por qualquer meio, sem prévia
autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 5.500 exemplares

5499/20074



Propiciador e propiciação

Como diz o antigo e belo cântico, “o tema da Bíblia é Cristo e como veio salvar”. De fato, todos os demais temas das Escrituras são derivações ou explicação do plano da salvação. Livrarias e bibliotecas religiosas estão repletas de literatura explicativa do plano elaborado por Deus para salvar a humanidade perdida. Contudo, apesar da enorme produção literária e do esforço do homem em pesquisar o assunto, mal entreabrimos a porta do ilimitado depósito que armazena os mistérios do amor de Deus, revelado em Cristo Jesus.

No sincero empenho para desvendar todas as nuances da salvação, estudiosos têm se deparado com algumas questões. Uma delas envolve a realidade substituinte do sacrifício de Cristo, conforme apresentam Ekkehardt Mueller e George Reid em matéria desta edição, na qual respondem às grandes perguntas suscitadas pelo debate a respeito desse tema. O apóstolo Paulo a ele se refere, com as seguintes palavras: “Sendo justificados gratuitamente, por Sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus; a quem Deus propôs, no Seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a Sua justiça, por ter Deus, na Sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos, tendo em vista a manifestação da Sua justiça no tempo presente, para Ele mesmo ser justo e justificador daquele que tem fé em Jesus” (Rm 3:24-26).

Como é fácil perceber, o apóstolo apresenta Deus não como receptáculo da propiciação, mas como seu provedor. Isto é, o fato de que Ele expôs Cristo como sacrifício mostra que a cruz não foi um evento elaborado na tentativa de torná-Lo gracioso para conosco, mas um evento através do qual Ele mostrou Seu amor e Sua graça inerentes. Em outras palavras, Ele não nos amou por causa da expiação; mas, porque nos amou, providenciou a expiação. É como escreveu Ellen White: “Este grande sacrifício não foi feito para engendrar no coração do Pai o amor para com o homem, nem para dispô-Lo a salvá-lo. Não, não! ‘Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito.’ O Pai nos ama, não em virtude da grande propiciação; mas sim proveu a propiciação por isso que nos ama. Cristo foi o instrumento pelo qual Ele pôde entornar sobre um mundo caído o Seu infinito amor. ‘Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo.’ Sofreu juntamente com Seu Filho. Na agonia do Getsêmani, na morte sobre o Calvário, o coração do infinito amor pagou o preço de nossa redenção” (*Caminho a Cristo*, p. 13, 14).

Quem pode entender a plenitude desse amor? Não é sem razão que ele continuará sendo o tema do cântico e da reflexão dos remidos pelos séculos da eternidade! ▀

Zinaldo A. Santos

9 A FORÇA DA AMIZADE

Pesquisa comprova a eficácia do evangelismo através de relacionamentos.

12 DAVI E A PIRÂMIDE DE MASLOW

Teoria psicológica confirma os termos do salmo 23.

14 DUAS FACES DA MESMA MOEDA

Como as estruturas congregacional e missional atuam juntas no crescimento da igreja.

17 A MORTE DE CRISTO E A NOSSA SALVAÇÃO

O real significado da afirmação de que Jesus “é a propiciação pelos nossos pecados”.

21 PARCEIROS NA MISSÃO DE SALVAR

Pastores e profissionais de saúde podem formar uma eficaz equipe de trabalho.



Foto: William de Moraes - Selo 80 anos: Carlos Serbelli

23 UMA IGREJA EM CRESCIMENTO

As razões do progresso adventista na América do Sul.

27 O PERFUME DE MARIA

Uma lição de amor, autonegação, entrega, sacrifício e comprometimento.

29 A HISTÓRIA DOS PEQUENOS GRUPOS

Nascimento, desenvolvimento e valores básicos da igreja em células.

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO



80 anos de Ministério

Este é um ano especial para a revista *Ministério*. Há 80 anos, um ano depois de sua congênere *Ministry*, ela veio à luz com o objetivo de promover o crescimento pessoal e vocacional de pastores e líderes eclesiásticos. Então, era *O Ministério Adventista* que, em 1992, passou a ser identificada apenas como *Ministério*. A mudança de nome, visual e formato através dos anos traduz o esforço de secretários ministeriais e editores, no sentido de torná-la cada vez mais atraente, conforme as exigências de cada época. Agradecidos a Deus por tudo o que foi realizado até aqui, reafirmamos o compromisso de continuar investindo o melhor de nossos talentos, habilidades e esforços em favor do nosso público-alvo. Tudo para a glória de Deus e progresso de Sua causa.

Com o foco na missão



“Acredito que a missão pertence a todos os membros da igreja. O pastor deve inspirar, motivar, treinar e capacitar” (Erton Köhler)



“Vejo, na América Central, uma igreja que cresce forte, no sentido numérico e também no sentido espiritual” (Israel Leito)

por Nikolaus Satelmajer e Willie Hucks II

As Divisões Interamericana e Sul-Americana figuram entre as regiões em que a igreja adventista do sétimo dia experimenta maior crescimento. Tendo como presidente o pastor Israel Leito, nomeado em 1993, a Divisão Interamericana abrange o sul dos Estados Unidos, México, América Central, Venezuela, Colômbia e as três guianas da América do Sul. Segundo o pastor Leito, o crescimento do seu Campo é seu maior desafio: o número de pastores não é suficiente para satisfazer à demanda.

Compreendendo os demais países da América do Sul, a Divisão Sul-Amé-

ricana tem como presidente o pastor Erton Köhler, nomeado há pouco mais de dois anos. Em seu território está o país com maior número de adventistas no mundo – o Brasil. “Comunhão e missão” são as palavras que, segundo ele, descrevem a visão da igreja sul-americana. Sob essa divisa, muitas frentes de trabalho são utilizadas na marcha para cumprir a missão, e o pastor Köhler destaca os pequenos grupos e a oração intercessora.

Nesta entrevista, os dois presidentes falam sobre crescimento, desafios, além de partilhar a visão que têm do pastorado e do futuro da igreja nas respectivas regiões.

Ministério: *Como os senhores veem a igreja nos próximos cinco a dez anos?*

Leito: Na Divisão Interamericana, vejo a igreja forte, crescendo espiritual e numericamente, tornando-se mais e mais identificada com a cultura básica do adventismo. A maioria dos nossos irmãos tem origem católica. Eles se tornam membros da igreja e, em muitos aspectos, sua visão ainda é aquela em que foram criados. Mas, a visão e a cultura adventistas são distintas. Como parte do processo de amadurecimento, nosso povo está começando a compreender a diferença. Também antevejo forte crescimento financeiro. A fidelidade

dos membros é refletida nas fortes tendências econômicas da igreja em nossa área. Vejo também uma igreja amadurecida, que pode administrar seus próprios desafios para que não se transformem em crises. Nossos irmãos se envolvem nas respectivas comunidades e partilham com elas a fé que possuem. Na Jamaica, por exemplo, o pastor adventista é considerado sacerdote paroquial, sendo convidado a officiar funerais e casamentos.

Köhler: Duas palavras-chaves descrevem nossa visão da igreja na América do Sul: comunhão e missão. Nosso sonho é crescer em qualidade e quantidade, levar a igreja a um relacionamento com Deus e, como resultado, testemunhar desse relacionamento. Estamos trabalhando para fortalecer nossa unidade. A América do Sul tem muitos países com culturas divergentes. Em um só país, como o Brasil, temos várias culturas. Enquanto trabalhamos para manter a unidade espiritual, também desenvolvemos programas integrados de treinamento e oportunidades para que os membros participem de questões administrativas e fortaleçam a representação de cada área. Nossa meta é envolver cada membro na missão da igreja. Atualmente, são necessários doze membros para levar uma pessoa a Cristo. Queremos alcançar a proporção de um por um. Acreditamos que a missão da igreja pertence a todos os membros e cabe ao pastor motivar, inspirar, treinar e equipar. Ao lado disso, temos três objetivos: Primeiro, ver a igreja realizando alguns projetos de impacto, mantendo-a sempre desafiada. Segundo, envolver mais jovens no trabalho, construindo assim uma geração mais ligada à igreja e sua missão. Terceiro, formar uma igreja mais aberta e receptiva, que atraia pessoas e faça com que se sintam parte de uma família.

Ministério: Por que a igreja cresce tanto nestas regiões?

Leito: Em nosso caso, posso dizer que a maioria de nosso povo acredita na igreja e que o Senhor a está dirigindo através dos líderes humanos. Portanto, nós, como líderes, estamos ajudando nossos pastores a entender que o crescimento da igreja depende de nossa atitude em relação a ela. Outro fator é a compreensão que os pastores têm de si mesmos, ou seja, eles se veem como treinadores, que permitem a igreja ser igreja, não uma propriedade privada. Numa área longínqua do México, por exemplo, encontrei um distrito com vinte congregações e um pastor, a igreja trabalhando e crescendo. O segredo é o envolvimento da irmandade. Os membros estão envolvidos em tudo.

"Devemos apoiar mais os pastores. Eles estão sob tensão constante e suas famílias são afetadas" (Köhler)

Köhler: Também temos uma igreja dinâmica com base em seus membros, cuja participação e liderança são vitais para o crescimento. Temos pastores em distritos com até vinte ou mais congregações. Esse é um desafio, mas também uma bênção. Posso resumir em duas palavras o crescimento da igreja na América do Sul: foco e unidade. Duas coisas mais que são muito importantes para nós: Primeira, crescimento espiritual. Enfatizamos a oração intercessora e estudo bíblico integrado. Segunda, os pequenos grupos. Através deles, os membros das igrejas se sentem assistidos, são motivados e mobilizados para o evangelismo.

Ministério: Falem um pouco sobre o papel dos anciãos.

Köhler: Temos aproximadamente vinte mil igrejas na América do

Sul, mas apenas três mil pastores. Cada sábado cerca de dezessete mil púlpitos são ocupados por nossos irmãos que não somente pregam, mas estão envolvidos na administração das igrejas. O trabalho dos anciãos é prioridade em nosso Campo. Trabalhamos em diferentes maneiras para reconhecer o envolvimento deles e seu valor para a igreja. Temos uma revista direcionada a eles, e estamos comprometidos em motivar, capacitar e equipar esses líderes.

Leito: Também confiamos muito em nossos anciãos. Sem eles, não podemos trabalhar, muito menos obter êxito. Acreditamos na motivação e em muitas, se não em todas as nossas Uniões, os anciãos têm recebido autorização para realizar batismos. Com essa motivação, eles sentem que não estão trabalhando para nós, mas para a igreja.

Köhler: Na Divisão Sul-Americana, algumas vezes, permitimos que o ancião entre no tanque batismal com seus batizando, enquanto o pastor realiza a cerimônia.

Ministério: Quais são os maiores desafios que os senhores enfrentam em suas Divisões?

Leito: Ironicamente, um dos nossos desafios é a rapidez do crescimento. Crescemos tão rápido que a aquisição de novos pastores não acompanha o ritmo. Não falta dinheiro, mas faltam pastores. Nossos seminários não estão produzindo pastores suficientes. Para ser efetivo, um pastor não devia pastorear mais que 600 membros e, aqui, estamos perdendo. No sul do México, por exemplo, a igreja chamou todos os formandos do Campo, formandos de outras três Uniões que não tinham chamado, e ainda necessitam de mais pastores. Um segundo desafio são as igrejas inacabadas. Templos sem portas e janelas são apenas cabanas. Também há comunidades que não permitem a construção de muitos

templos. Outro desafio é o papel dos membros na administração da igreja. Temos o compromisso de capacitar nossos anciãos e outros líderes.

Köhler: Na América do Sul, nosso maior desafio é envolver cada membro na missão. Isso abrange o trabalho dos pastores com os membros, individualmente, e com as congregações, como um todo. Sabemos que os pastores têm muitas funções e, no meio disso tudo, é fácil perder o foco da missão. Precisamos ajudá-los a equilibrar o trabalho. Outro desafio é estar seguros de que o número de pastores, igrejas e distritos acompanha o enorme crescimento da igreja. Também temos o desafio de conservar as pessoas que são batizadas. Embora devamos ter muito larga a porta da frente, a de trás precisa ser bem estreita. Finalmente, devemos apoiar mais os pastores. Eles estão sob tensão constante e suas famílias são afetadas.

Ministério: *Por favor, falem algo mais sobre os pequenos grupos.*

Leito: Em nossa Divisão, especialmente na Colômbia, Venezuela e outros três Campos, os pequenos grupos realmente funcionam. Em outras regiões, há certa resistência, porque os membros não querem deixar suas congregações. Porém, temos insistido em que os pequenos grupos são pequenas congregações. Eles são muito efetivos em conservar unidos os irmãos. Não dependem unicamente da liderança dos anciãos, mas os líderes dos pequenos grupos são anciãos em potencial, porque eles cuidam da vida espiritual, social e de tudo o que se relacione à igreja, naquele pequeno grupo.

Köhler: Temos aproximadamente 65 mil pequenos grupos na Divisão Sul-Americana, e eles são importantes, por algumas razões: Primeira, ajudam na conservação dos membros. Eles se unem à igreja e, no pequeno grupo, se sentem parte da família da fé. Segunda, o

pequeno grupo ajuda a envolver os membros na vida e missão da igreja. Se eu apresentar um projeto especial para quinhentos membros, talvez, ele não vá adiante. Mas, se eu o apresentar para um grupo de doze pessoas, todas o abraçarão. Terceira, os pequenos grupos dão valor e reconhecimento aos membros. Num igreja grande, às vezes, o irmão se sente apenas um entre muitos; mas, no pequeno grupo, cada qual sente que tem valor como pessoa.

Os pequenos grupos são a melhor oportunidade para preparar líderes. Nem todo mundo é capaz de liderar uma igreja de trezentos membros; contudo, muitas pessoas se sentem à vontade e motivadas para liderar um grupo de doze pessoas. Finalmente, o pequeno grupo prepara os membros para os últimos dias. Acredito firmemente que logo chegará o tempo em que não mais teremos pastores nem templos, e teremos que nos reunir em pequenos grupos.

Ministério: *De que maneira as atividades administrativas impactam a vida espiritual dos senhores?*

Leito: Quando eu ainda era estudante, tínhamos um extraordinário professor de teologia que, posteriormente, foi chamado para ser presidente de Associação. Lembro-me de que, numa conversa particular, ele me disse que a transferência não lhe parecia muito boa, por causa do perigo de negligenciar o dom da pregação. Por causa disso, desde então, fiquei desperto e me determinei a jamais perder o encanto de ser pastor, pregador, alimentar o povo de Deus. Isso não é apenas teoria, mas algo muito real para mim. Não posso descuidar de viver a vida de ministro diante do povo de Deus, em meu comportamento, minha forma de retratar o amor de Cristo e em meu relacionamento com o Senhor. Sin-

to-me muito feliz quando percebo que o Senhor está perto de mim. Quero ir, vir e tomar decisões administrativas, podendo dizer com segurança: "O Senhor me guiou nesta direção". Não apenas quando estou diante de milhares de pessoas, mas também privativamente quero conservar esse relacionamento. Não podemos nos tornar tão "administrativos", a ponto de esquecer que devemos ser semelhantes a Cristo e refletir Seu amor.

"Não podemos ser tão 'administrativos' a ponto de esquecer que devemos refletir o amor de Cristo" (Leito)

Köhler: Fui nomeado presidente da Igreja Adventista na América do Sul, aos 38 anos de idade. Jamais tinha trabalhado como presidente de Associação nem de União. Quando a igreja me escolheu para essa função, me senti como uma pulga minúscula, porque eu era jovem e não tinha a devida experiência. Isso me levou a depender mais da direção de Deus. A Divisão Sul-Americana tem muitos desafios, grandes projetos e grandes problemas. Assim, oro a Deus, cada dia, pedindo-Lhe sabedoria porque desejo tomar apenas as decisões que Ele aprova para Sua igreja. A cada dia, tenho o sentimento de que devo ser mais pastor que administrador; porém, para isso, necessito da direção de Deus em minha vida. Como pastor, ou cristão, tenho minha devoção pessoal com Deus, mas hoje emprego mais tempo nisso do que o fazia no passado. Nas ocasiões em que tenho que liderar reuniões administrativas, gasto mais tempo em oração pedindo sabedoria ao Senhor. Compreendo que necessito depender mais e mais de Sua direção, Seu poder e sabedoria. Essa é a diferença que minha vida devocional tem feito. ▀



Violência emocional

“Nada é de maior importância do que a educação de nossas crianças e jovens”

Tema presente todos os dias em matérias jornalísticas, programas e documentários televisivos, a violência parece estar arraigada na sociedade moderna, até mesmo entre pais e filhos e vice-versa. Ela não é restrita apenas ao âmbito físico. Existe a violência emocional, difícil de ser identificada à primeira vista, apesar de ser muito frequente. Ela acontece quando um adulto trata a criança com gritos, exigências descabidas, desprezo, desrespeito, atitudes ameaçadoras, humilhação ou insulto através de expressões, como por exemplo: “Você não presta para nada”; “você é inútil, burro, não sei por que você nasceu”.

Pensemos em como ficará a autoestima da criança que sofrer tal tipo de abuso emocional: Gostará de si mesma? Acreditará que é capaz de realizar coisas boas? Terá facilidade no aprendizado? Na vida adulta, será líder? Será feliz? A violência emocional pode não deixar marcas físicas, mas afeta profundamente a personalidade da criança, impedindo seu desenvolvimento normal e lhe causando sérios prejuízos. Acreditando ser “inútil”, com o passar do tempo, essa criança encontrará companhia e apoio de pessoas que a induzirão à marginalidade.

Nossa responsabilidade

Infelizmente, tenho visto muitas crianças em tenra idade que substituíram o brilho natural dos olhos e o entusiasmo diante do novo pelo sentimento de desvalorização e de incapacidade para atividades que lhe são propostas. Como pais, temos o dever de nos mantermos vigilantes para que não sejamos culpados de tal situação. Devemos assumir nosso papel de primeiros educadores dos nossos filhos, não deixando essa tarefa apenas para a escola ou a igreja. Família, escola e igreja formam um trio

plenamente unido e harmônico, em que nenhuma parte deve se omitir no exercício de sua responsabilidade.

Aos pais de hoje, Deus ordena assim como ordenou aos pais israelitas: “Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas” (Dt 6:4-9).

É oportuno refletirmos sobre os objetivos e prioridades que estabelecemos para a vida. O que desejamos: Ter coisas? Conquistar sucesso? Subir na vida ou carreira profissional? Certamente, devemos buscar a excelência em tudo o que fizermos. Porém, é surpreendente notar quão ilusórias são a corrida por realizações terrestres, a pressa na realização de tarefas “inadiáveis” e a desenfreada busca do sucesso material. É possível que, nessa correria, negligenciemos a assistência que devemos prestar a nossos filhos.

Prioridades certas

Não é irrazoável o clamor feito por Ellen White: “Oh, onde estão os pais e mães em Israel? Deveria haver grande número deles que fossem mordomos da graça de Cristo, sentindo pelos jovens um interesse não meramente casual, mas especial” (*Conselhos aos Pais Professores e Estudantes.*, p. 42). E mais: “Nada é de maior importância do que a educação de nossas crianças e jovens” (*Ibid.*, p. 165).

Nisso devemos refletir. A ordem divina, expressada no livro de Deuteronômio é nossa única salvaguarda em um mundo cheio de influências perniciosas. ▀



A força da amizade

Partilhar a fé através de relacionamentos sempre foi e ainda é o modo mais eficaz de pregar o evangelho

Toda geração de crentes necessita rever seu nível de comprometimento em testemunhar e partilhar a fé entre a comunidade, mantendo assim uma ligação contínua com a grande comissão que Jesus nos confiou. Foi com esse objetivo que, em 2004, a equipe do Instituto de Ministério Cristão da Universidade Andrews realizou uma pesquisa por amostragem com adventistas do sétimo dia, na América do Norte. A pesquisa procurava respostas para três perguntas: 1) Em quais atividades missionárias os membros geralmente participam e quantas pessoas foram atraídas à igreja, como resultado disso? 2) Como é a vida devocional dos membros? 3) Qual foi o meio pelo qual chegaram a ser membros da igreja?

Foram analisadas 1.689 respostas. Embora cada região do mundo tenha suas peculiaridades, se compreendermos os princípios implícitos nas descobertas e atentarmos para suas implicações, poderemos encontrar instrumentos para melhorar nossa igreja e para evangelizar mais efetivamente.

Perfil dos entrevistados

Primeiramente, consideremos o perfil das pessoas entrevistadas. Entre elas, 57% eram mulheres, e o

restante, homens. Havia 60% de irmãos com mais de 20 anos na igreja. Outros 15% estavam na igreja num período variável entre onze e vinte anos, e 40% tinham menos de um ano de adventismo. Em adição, 61% nasceram em lar adventista.

Tudo isso parece indicar falha de relacionamento entre a igreja e muitos novos membros que não têm antecedentes adventistas. Os dados também indicam uma igreja envelhecida. Mais de 60% têm mais de 45 anos, com 22% tendo 65 ou mais anos. Apenas cerca de 9% estão abaixo dos 25 anos. Isso mostra que a igreja precisa ser mais intencional em alcançar e conservar os jovens.

Testemunho

Em qual atividade missionária os membros normalmente estão engajados? A pesquisa enumerou onze atividades, conforme tabela nesta página.

Metade dos entrevistados nada respondeu sobre a quantidade média de horas investidas mensalmente nas atividades. Aproximadamente 30% disseram ter gasto entre uma e cinco horas; 11% investiram entre

seis e dez horas, e cerca de 6% empregaram mais de vinte horas.

Também lhes foi perguntado sobre quantas pessoas em cuja conversão eles exerceram influência total ou parcial, nos últimos três anos. Aproximadamente 2/3 indicaram que não influenciaram ninguém. Quinze por cento se lembraram de uma pessoa, e outros 15% mencionaram de duas a cinco. Somente 4% a 5% puderam identificar mais de cinco pessoas convertidas por seu trabalho nesse período.

Atividades missionárias comuns entre os membros da Divisão Norte-Americana

Pequenos grupos ou estudos bíblicos nos lares	36%
Contatos telefônicos	24%
Evangelismo público	22%
Seminários e programas de saúde	21%
Seminários bíblicos variados	21%
Seminário do Apocalipse	19%
Estudo bíblico pessoal	19%
Contatos de casa em casa	19%
Seminário de Daniel	11%
Seminário da Família	10%
Cursos e alfabetização para adultos, ou de inglês	9%

Práticas devocionais

O segundo grupo de perguntas tratou da vida devocional dos membros. A eles foi perguntado sobre a frequência com que participavam das atividades devocionais particulares. O resultado foi o seguinte:

Frequência das práticas devocionais entre os membros da Divisão Norte-Americana	
Oração pessoal particular	Diariamente: 73% Uma vez por semana: 21%
Estudo pessoal da Bíblia	Diariamente: 37% Uma vez por semana: 43%
Estudo da Lição da Escola Sabatina	Diariamente: 28% Uma vez por semana: 41%
Leitura dos livros de Ellen G. White	Diariamente: 14% Uma vez por semana: 29% Nunca: 57%
Culto familiar	Diariamente: 28% Uma vez por semana: 33% Nunca: 39%

É importante lembrar que outros pesquisadores têm demonstrado que o culto familiar é um componente indispensável para a vida cristã sólida e fator-chave para manter os jovens na igreja.¹

Como se converteram

Finalmente, no terceiro bloco de perguntas, tentou-se provar qual foi o principal fator na escolha que esses membros fizeram de se tornar membros da igreja. A pesquisa mediu a força relativa de cada um entre nove possíveis fatores.

Fatores influenciáveis na conversão de pessoas na Divisão Norte-Americana	
Nascimento em lar adventista	59%
Amigos ou parentes	58%
Literatura	49%
Évangelismo público	36%
Estudos bíblicos nos lares	34%
Visitas pastorais	20%
Programas de rádio ou televisão	20%
Cursos bíblicos por correspondência	19%
Internet	7%
Outros	22%

Foi solicitado que os entrevistados especificassem os “outros” meios de conversão. Embora nem todos

responderem, os comentários mais frequentes apontaram a educação cristã e professores. A terceira tabela mostra que os fatores-chave para levar pessoas a se unir à igreja estão relacionados com a manutenção de relacionamentos positivos e amizade. Essa conclusão é semelhante à de uma pesquisa coordenada por Win Arn² e, mais recentemente, outra realizada por Thom S. Rainer.³

Arn descobriu que o relacionamento é o modo mais efetivo de alcançar pessoas e levá-las ao Senhor. Ele falou muito sobre *oikos* (“relacionamento”). A isso eu gostaria de chamar de “evangelismo relacional”.

Fatores que atraem pessoas à igreja, segundo Arn ⁴	
Necessidade especial	1 – 2%
Iniciativa própria	2 – 3%
Pastor	1 – 6%
Visitação	1 – 2%
Escola dominical	4 – 5%
Cruzada evangelística	0 – 5%
Programas da igreja	2 – 3%
Amigos e parentes	75 – 90%

Evangelismo relacional na Bíblia

Oikos (partilhar a fé através de relacionamentos) foi e ainda é a maneira mais efetiva de disseminar o evangelho. No idioma grego, *oikos* significa lugar de habitação, estrutura de uma família ou comunidade, sendo que a palavra está fortemente relacionada à história da salvação. O Senhor nos criou para viver em comunidade, porque precisamos uns dos outros. Ele deseja que, partilhando sua fé e seu amor, essa comunidade faça diferença no mundo.

O relacionamento não apenas se torna importante na condução de pessoas a Cristo, mas também no ato de conservá-las unidas a Ele e à igreja. Todos precisamos de um grupo de apoio que nos encoraje, ore em nosso favor, nos considere e promova um ambiente de crescimento, saúde espiritual e vitalidade.

De acordo com os estudos realizados por Arn, a menos que o novo

crente desenvolva entre sete e onze relacionamentos amistosos nos primeiros seis meses de sua conversão, a possibilidade de ele deixar a igreja é muito grande. Entre aqueles que desenvolvem um mínimo de sete relacionamentos e se sentem à vontade no ambiente da igreja, a possibilidade de permanecer é muito alta.⁵ É através de relacionamentos que nos aproximamos do Senhor, e permaneceremos nele também através de relacionamentos. Somos discípulos, animados e nutridos através de relacionamentos.

Vantagens comprovadas

Podemos citar alguns importantes fatores que explicam por que o evangelismo relacional é o mais efetivo método de partilhar o evangelho.⁶

♦ **Provê uma cadeia natural que permite partilhar o amor redentor de Deus.** De modo muito natural, pessoas mutuamente próximas partilham entre si a fé que possuem. Amigos e familiares estão sempre juntos, alegram-se com essa proximidade e gostam de conversar. André levou seu irmão, Pedro, a Cristo. Nós temos o privilégio de conduzir a Cristo nossos familiares, amigos e vizinhos.

♦ **Trata com pessoas receptivas.** A Bíblia registra muitos exemplos em que alguém conduziu familiares ou amigos a Jesus Cristo. André levou Pedro, Felipe apresentou Natanael a Cristo. O carcereiro de Filipos conduziu toda sua família a Jesus. Quando pessoas ao nosso redor observam alguma mudança positiva em nosso comportamento, elas são atraídas ao Deus a quem adoramos.

♦ **Permite partilhar sem pressa e de modo natural o amor de Deus.** No evangelismo da amizade, ninguém é pressionado a levar o interessado ao batismo em curto período. Com o passar do tempo, e com muita naturalidade, o processo de aceitação e conversão tem lugar, num contexto de amor e aceitação.

♦ **Provê apoio natural quando o novo converso vai a Cristo.** A única razão mais significativa pela qual as

pessoas deixam a igreja é o fato de que, muitas vezes, não encontram um grupo de apoio para orar em seu favor e, encorajá-las constantemente. Porém, quando o novo crente é levado ao Senhor por um amigo confiável, ele já tem nesse amigo o seu pastor.

♦ **Resulta em que o novo converso assimila efetivamente a igreja.** O evangelismo da amizade serve como meio de absorver as pessoas na vida da igreja. Para os especialistas em crescimento de igreja, a assimilação é uma das coisas mais difíceis de ser feita. Você necessita de um grupo acolhedor de pessoas e um grupo interessado nos conversos. No caso da experiência do *oikos* – evangelismo relacional – as duas coisas já existem naturalmente.

♦ **Tende a ganhar famílias inteiras.**

♦ **Provê um constante alargamento de fontes para novos contatos.** Finalmente, o evangelismo relacional é como uma reação em cadeia, na qual influência e efetividade não têm limites.⁷

Que faremos?

Diante de tão gigantescas evidências sobre a importância do evangelismo relacional ou da amizade, que devemos fazer? Aqui vão algumas sugestões:

♦ **Reconheça que esse modelo de evangelismo é o mais poderoso método de testemunho.** É na vida real do lar que aprendemos a aplicar os princípios do evangelho. Quando é sadio e intencional, o relacionamento também nos ajuda a perceber como viver a vida cristã efetivamente e com alegria. Quando as pessoas com as quais nos associarmos perceberem que somos indivíduos melhores por causa de Jesus, serão mais provavelmente atraídas ao cristianismo, do que se partilhássemos com elas doutrinas ou teologia.

♦ **Eduque, treine, equipe e motive os membros a fim de que partilhem sua fé com outros.** A igreja deve ser um centro de treinamento e motivação. Deve ser removido todo

obstáculo para tornar o mais fácil possível às pessoas partilhar ativa e efetivamente sua fé. Não raro, damos a impressão de que testemunhar significa procurar apenas os estranhos, batendo de porta em porta, e tentar convertê-los. Porém, devemos treinar e inspirar nossos liderados a partilhar a fé em qualquer contexto de que façam parte; quer seja no lar, no trabalho ou na vizinhança.

“O Senhor nos criou para viver e partilhar a fé em comunidade”

♦ **Inspire e encoraje o crescimento pessoal de cada membro.** Quanto mais apaixonados por Deus forem os crentes, mais apaixonados serão pela tarefa de testemunhar a outros a respeito de Deus. Nossas igrejas devem ser santuários, sempre encorajando e desafiando pessoas a crescer no seu caminhar com o Senhor. Não podemos tomar por garantido que as pessoas de algum modo crescerão espiritualmente. Não podemos depender apenas do sermão no sábado para levar educação, motivação e treinamento que proporcionem tal crescimento. Necessitamos nos lançar à busca de novas maneiras de treinamento e crescimento espiritual, e de equipar os crentes com os instrumentos mais efetivos para o exercício da missão.

♦ **Mude o paradigma existente em relação ao evangelismo como evento. Encare-o como processo.** Quando falo às pessoas a respeito de crescimento espiritual e evangelismo, costumo perguntar: “Quem é o evangelista mais efetivo do mundo?” A resposta mais predominante sempre traz o nome de um famoso evangelista. Contudo, a grande comissão de Mateus 28:18-20 concebe o evangelismo não como tarefa de poucos, mas como estilo de vida para todos.

Peça que uma pessoa defina evangelismo e faça a seguinte pergunta:

“Quando sua igreja fez evangelismo?” A resposta inevitável é: “Nós tivemos reuniões evangelísticas no ano passado, ou três, dez anos atrás.” Essa resposta vê o evangelismo como evento não como um estilo de vida que tem lugar em todo tempo, em qualquer lugar, por todo mundo, sob quaisquer circunstâncias.

♦ **Adote múltiplos caminhos e atalhos para testemunhar de Cristo e ajudar pessoas a se unir à igreja.** Embora existam pesquisas mostrando que o modo mais efetivo de evangelismo é através de relacionamentos, necessitamos de múltiplas formas de levar pessoas a Cristo. Nossa pesquisa mostrou muitos programas com altos níveis de efetividade: evangelismo (36%), literatura (49%), cursos bíblicos por correspondência (19%) e internet (7%).

A multiplicidade de meios serve a pelo menos três propósitos: criar uma avenida para o crente partilhar naturalmente sua fé; alcançar múltiplos grupos de pessoas, em lugares em que determinado método não seja ideal para alcançar todas, e encontrar novos e receptivos interessados que estejam fora do nosso círculo de relacionamentos.

Evangelismo público e evangelismo pessoal devem se completar mutuamente. Sob o guarda-chuva do evangelismo público, definitivamente existe necessidade de se fazer evangelismo pessoal. Igualmente importante é fazer evangelismo público sob o guarda-chuva do evangelismo pessoal. ■

Referências:

¹ George Barna, *Transforming Children into Spiritual Champions* (Ventura, CA: Regal, 2003), p. 55-76.

² Win Arn, *The Master's Plan for Making Disciples* (Pasadena, CA: Church Growth, 1982), p. 43.

³ Thom Rainer, *Surprising Insights from the Unchurched* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2001), p. 73.

⁴ W. Charles Arn, *How to Reach the Unchurched Families in Your Community* (Monrovia, CA: Church Growth, s/d).

⁵ Win Arn, *Op. Cit.*, p. 45-53.

⁶ W. Charles Arn, *Op. Cit.*, p. 45-53.

⁷ Win Arn, *Ibid.*



Preceptor do Centro
Universitário Adventista,
campus de São Paulo

Davi e a pirâmide de Maslow

Quase trinta séculos depois, uma teoria psicológica confirma os termos do Salmo 23

Um dos mais significativos conceitos surgidos no século 20, na área da Psicologia é, sem dúvida, a “Pirâmide de Maslow”. Elaborada por Abraham H. Maslow, a ideia surgiu durante pesquisas realizadas por ele e resultou na imaginação do que chamou de “Pirâmide das necessidades” humanas.

De acordo com Maslow, as necessidades cuja satisfação basicamente contribui para levar o ser humano à plena realização, ou ao alcance dos objetivos de vida, são as seguintes:

- ◆ Necessidades fisiológicas.
- ◆ Necessidade de segurança.
- ◆ Necessidades sociais.
- ◆ Necessidade de *status* ou estima.
- ◆ Necessidade de autorrealização.

Podemos analisar essa pirâmide à luz do Salmo 23. Segundo a *Nova Versão Internacional* da Bíblia, esse texto é vertido nos seguintes termos: “O Senhor é o meu pastor; de nada terei falta. Em verdes pastagens me faz repousar e me conduz a águas tranquilas; restaura-me o vigor. Guia-me nas veredas da justiça por amor do Seu nome. Mesmo quando eu andar por um vale de trevas e morte, não temerei perigo algum, pois Tu estás comigo; a Tua vara e o Teu cajado me protegem. Preparas-me um banquete para mim, à vista dos meus inimigos. Tu me honras, unguindo a minha cabeça com óleo e fazendo transbordar o meu cálice. Sei que a bondade e a

fidelidade me acompanharão todos os dias da minha vida, e voltarei à casa do Senhor enquanto eu viver.”

Satisfação garantida

De que maneira as necessidades expressadas no Salmo 23 correspondem às da Pirâmide de Maslow? Isso é o que será explicado nesse artigo.

Estão presentes entre as necessidades fisiológicas todos os recursos materiais necessários à nossa sobrevivência, como por exemplo, água, alimento, ar, sexo, repouso e outros. Os três primeiros versos do salmo apresentam essas necessidades bem como a fonte em que podem

Necessidades fisiológicas

“Em verdes pastagens me faz repousar e me conduz a águas tranquilas; restaura-me o vigor. Guia-me nas veredas da justiça por amor do Seu nome” (v 2, 3).

Necessidade de segurança

“Mesmo quando eu andar por um vale de trevas e morte, não temerei perigo algum, pois Tu estás comigo; a Tua vara e o Teu cajado me protegem” (v 4).

Necessidades sociais

“Preparas-me um banquete para mim, à vista dos meus inimigos” (v 5).

Necessidades de *status* ou estima

“Tu me honras, unguindo a minha cabeça com óleo e fazendo transbordar o meu cálice” (v 5).

Necessidade de autorrealização

“Sei que a bondade e a fidelidade me acompanharão todos os dias da minha vida, e voltarei à casa do Senhor enquanto eu viver” (v 6).

ser satisfeitas – o Senhor, supremo Pastor. É interessante destacar aqui os verbos utilizados para indicar satisfação: repousar, dormir, restaurar, todos eles mostrando ação, descanso e recomeço do ciclo de satisfação das nossas necessidades. Todos os dias, precisamos nos alimentar, beber, respirar, dormir e agir no sentido de manter nossa vida e nossa família. São necessidades legítimas que são satisfeitas por Deus.

No que tange à necessidade de segurança, nela cabem as necessidades de proteção, abrigo, estabilidade e continuidade. Precisamos saber que, no fim de cada dia, após estarmos envolvidos na luta pela sobrevivência pessoal, temos um lugar seguro, em que podemos usufruir os resultados do nosso trabalho e partilhá-los com os familiares. Davi ressalta a satisfação da necessidade de segurança, com as seguintes palavras: “Mesmo que eu andar por um vale de trevas e morte, não temerei perigo algum ... a Tua vara e Teu cajado me protegem”. Notemos os verbos andar, temer, estar e consolar. Temos necessidade de ir atrás dos recursos que garantem nossa sobrevivência, eliminando ameaças e antecipando eventuais perigos.

O medo é inevitável; e é considerado item de segurança para nosso organismo, pois evita que nos exponhamos a situações de risco. Por isso podemos afirmar que o medo nos protege. Em todas as situações da vida, necessitamos de guia, alguém que nos aponte o caminho certo. Deus se propõe a fazer isso.

Falando de necessidades sociais, vem à tona a necessidade de amar, pertencer, fazer parte de. Neste ponto iniciam-se as necessidades que estão interligadas e vão além do interesse particular. Aqui, o ser humano é mostrado como ente social e, portanto, é interdependente; precisa dos outros, e os outros precisam dele, para sobreviver. Essas necessidades remetem para o que está fora do ser – outros seres – algo que está além da própria existência.

Davi garante que não somos lobos solitários, não fazemos tudo sozinhos nem dependemos das nossas ações particulares para continuar existindo. Precisamos ter alguém conosco, alguém que esteja presente, nos honre, cuide da nossa vida, mais do que podemos fazer. Então, nossas necessidades são satisfeitas, as habilidades são otimizadas, o trabalho é minimizado e as energias são mais bem distribuídas e canalizadas para múltiplas atividades necessárias à satisfação pessoal. Essa é a proposta de parceria que Deus nos faz: estar conosco, nos conferir honra, cuidar de nós e nos guiar para a plenitude da vida.

As necessidades de *status* ou de estima incluem tudo o que contribui para que o ser humano seja reconhecido como alguém de valor. São atos públicos de atenção, afeto, reconhecimento do valor e importância pessoal. O texto diz: “Tu me honras, unguindo a minha cabeça com óleo e fazendo transbordar o meu cálice”. Todos os verbos desse texto estão ligados a situações públicas. Quando um indivíduo tem seu valor reconhecido pelos demais, ele próprio passa a conhecer esse valor pessoal. Tal necessidade é essencial para uma vida saudável e plena. O Pastor do Salmo 23 promete fazer isso por todos nós.

Finalmente, para que a necessidade de autorrealização seja satisfeita, é necessário que as demais estejam igualmente satisfeitas. É assim que alguém pode se olhar no espelho e dizer: “Minha vida é completa, estou satisfeito”. Diante disso, o salmista conclui: “Sei que a bondade e a felicidade me acompanharão todos os dias da minha vida, e voltarei à casa do Senhor enquanto eu viver”. Deus nos dá certeza da continuidade da satisfação de nossas necessidades. Ao longo da vida, há desafios que precisam ser enfrentados por tal certeza. Mas, estando sob os cuidados e direção do supremo Pastor, não precisamos viver ansiosos nem preocupados. Ele nos oferece satisfação completa. Ele mesmo é a fonte inesgotável de satisfação das nossas carências.

O trabalho do subpastor

Assim, podemos ver que a Pirâmide das necessidades, elaborada por Maslow, bem poderia ser chamada de Pirâmide de Davi. Ela representa a confirmação da Psicologia dada a um texto bíblico escrito quase trinta séculos atrás.

O Deus das Escrituras Se mostra mais atento e preocupado em relação às necessidades humanas do que os próprios seres humanos. Esse Pastor nos confiou Seu rebanho, o que é um privilégio indescritível aliado a gigantesca responsabilidade. Precisamos cuidar das Suas ovelhas, orientando, protegendo e assistindo-as em suas necessidades, levando-as a alcançar completo bem-estar, plena autorrealização.

“Restaurar no homem a imagem de seu Autor, levá-lo de novo à perfeição em que fora criado, promover o desenvolvimento do corpo, mente e espírito para que se pudesse realizar o propósito divino da sua criação – tal deveria ser a obra da redenção. Este é o objetivo da educação, o grande objetivo da vida” (Ellen G. White, *Educação*, p. 15, 16).

Como subpastores, temos o privilégio de colaborar nessa tarefa. ■





Professor no Seminário Teológico do Unasp, Engenheiro Coelho, SP

CRESCIMENTO DE IGREJA

Duas faces da mesma moeda

Ao contrário de se excluírem mutuamente, as estruturas congregacional e missional da igreja podem se complementar

A igreja de Cristo possui duas estruturas distintas em função e natureza: a missional e a congregacional. Ambas podem se complementar ou combater. Por isso, Paulo insistia na unidade da fé (1Co 1:10-13; Ef 4:3, 9-16; Cl 2:2). Ao longo de seu ministério apostólico, Paulo testemunhou confrontos entre cristãos. Porém, estava sempre atento e disposto a apelar em favor da unidade e, numa situação específica da igreja de Corinto, disse: “fui informado... de que há contendas entre vós. Refiro-me ao fato de cada um de vós dizer: Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas, e eu, de Cristo. Acaso, Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vós ou fostes, porventura, batizados em nome de Paulo?” (1Co 1:11-13).

Que todos trabalhassem em equipe, ajudando-se mutuamente, era o ensinamento do apóstolo. O plano divino é que essas estruturas sejam tão complementares, como são o homem e a mulher no casamento.

Competição, discórdia, contendas não se originam em Deus; são atitudes típicas de mentes carnais e fruto de uma percepção distorcida do Seu propósito. Caso desejasse que todas as pessoas fossem iguais, Ele as teria criado assim, o que é verdadeiro também em relação à igreja. As diferenças entre as duas estruturas fazem parte do Seu plano, a fim de manter vivo Seu corpo simbólico. O Senhor tem muitas maneiras de nos manter em movimento, e não podemos cair no erro de exaltar demasiadamente uma estrutura em detrimento da outra. É muito importante que conheçamos as características de cada uma delas.

Estrutura congregacional

A estrutura congregacional funciona como igreja estabelecida, sendo conhecida no local em que está situada. Suas decisões são tomadas em comissão, seguindo-se, em votação, a vontade da maioria. Os membros e seu bem-estar ocupam sua

atenção por meio de programas elaborados para que se sintam bem. A igreja congregacional se percebe como organização com diversas frentes de ação e funções. Pensa em termos de complexidade e harmonia entre todas as atividades e ministérios, dedicando-lhes igual espaço em poder de decisão, programas e orçamento. Manter e melhorar o que já existe é prioridade.

Como existem muitas comissões e todos querem participar, a máquina tende a ser lenta em fazer mudanças de direção. Qualquer tentativa de mudança é vista com suspeita e medo. Há muitos departamentos e ações ocorrendo simultaneamente, e todos querem promover seus programas, dificultando a administração do calendário e das finanças. Assim, é quase impossível atender satisfatoriamente a todos. Se a estrutura missional invade e conquista um espaço, a estrutura congregacional a consolida, fortalece e institucionaliza, dando-lhe característica típica de igreja.

A estrutura congregacional enfatiza o “ser”, através de programas de aprofundamento espiritual. Gosta de estudar a justificação pela fé, em Romanos e Gálatas. Seu crescimento é mais biológico; não tanto por batismos de interessados, mas por transferências e batismos de filhos da própria igreja. Poucas igrejas congregacionais conseguem envolver em alguma atividade os recomendados 60% de membros. Consequentemente, seu comprometimento é limitado; a frequência dos membros depende da qualidade dos programas e pregadores, e não necessariamente para crescer como discípulos.

Essa estrutura alimenta o rebanho e pode levá-lo a compreender mais profundamente o evangelho e a vida, mantendo a tendência de intelectualizar o que é espiritual ou relacional, e teorizar o que é prático. Usa suas instituições para controlar e sistematizar iniciativas e esforços; tende a complicar ações espontâneas de membros, controla e supervisiona. É muito frequente a utilização da frase: “Tem que passar pela comissão”.

Em sua busca de estabilidade, promove um corpo de crenças para construir unidade na fé, explica o entendimento que tem de cada ponto doutrinário da Bíblia, protege o patrimônio, finanças e instituições, promove seu nome, tornando-se aceitável e respeitável diante a opinião pública. Embora não seja essa a sua intenção, a estrutura congregacional tende a neutralizar a estrutura missional, pelo fato de que esta é exposta a situações inusitadas, precisando de espaço e poder para tomar decisões rápidas, e depende dos recursos financeiros produzidos pela igreja local. Por isso, em alguns casos, a cultura organizacional tende a ser direcionada mais para a mentalidade congregacional e menos para a missional.

Membros de uma estrutura congregacional precisam de algo que os identifique com a instituição e seus programas. Em função disso, há elementos criados para a realização de um culto ordenado e decente. Esses

elementos precisam ser repetidos, para se tornarem familiares. O efeito colateral disso é que nessa repetição, eles viram tradição, ícones que recebem valor sagrado intocável. Cansadas de um mundo instável e pecaminoso, as pessoas veem a igreja como um porto seguro, em que não precisam temer a mesma instabilidade e insegurança que experimentavam “lá fora”.

Estrutura missional

A exemplo dos primeiros adventistas, a estrutura missional da igreja funciona como movimento. Não é conhecido nem tem local específico de ação. Penetra, invade, utilizando estratégias incompreensíveis à estrutura congregacional. É governada pelo senso de missão, e quem destoar é excluído. Uma compreensão peculiar de sua identidade e missão marca a estrutura missional. Conquistar cada pessoa e território para Cristo é prioridade e tudo o mais é secundário, recebendo pouca ou nenhuma atenção.

Como o grupo geralmente é pequeno e tem bem claros o foco e a prioridade, não há muito tempo a perder em grandes discussões e votações democráticas. Aquele que, em determinado momento, está mais sintonizado com o foco da missão dá as ordens; os outros se submetem. A estrutura missional está totalmente voltada para os avanços que faz. Sua cultura corporativa e seus valores incentivam e premiam o avanço. Há realização pessoal na conquista.

Essa estrutura enfatiza o “fazer”. Para ela, o “ser” é consequência do “fazer”. O raciocínio é o seguinte: Ao dar estudos bíblicos, por exemplo, eu me desenvolvo. Paciência, amor e humildade, são resultados do fazer e não da meditação. Adeptos dessa estrutura gostam de estudar a justificação pela fé explicada por Tiago e tendem a ser automotivados.

A estrutura missional não está interessada em crescimento por transferência nem por nascimento. A única coisa em que se interessa

“Na unidade da diversidade, o Espírito de Deus também aprecia trabalhar”

é conquistar não-crentes. Seu nível de comprometimento é alto, cada pessoa conhece a dor e a alegria de conduzir alguém a Cristo. Gosta de desafiar espiritualmente; pressupõe bem-estar espiritual e passa rápido ao desafio. Sendo simples na organização, nos objetivos, propósitos e foco, não existem complicações. Delega, avança e cria estruturas simples. Prega doutrinas e crenças. Ataca na frente da batalha.

Como a detentora dos recursos e poder de mando é a estrutura congregacional, a missional tende a se ressentir, sempre que encontra dificuldade em conseguir algum recurso. Porém, está disposta a enfrentar dificuldades ligadas à pregação, por causa da clara convicção de que esse é o objetivo principal da existência da igreja.

Coexistência simbiótica

As duas estruturas são necessárias à igreja. Se apenas a estrutura congregacional subsistir, ela vai ser consumida pela autofagia inevitável de igrejas que se concentram em si, como dizem Allison e Anderson: “Quando uma igreja se concentra em si, ela morre”.¹ Por outro lado, se houver apenas a estrutura missional, ela não subsiste, por falta de organização e recursos financeiros que a sustentem.

O relacionamento entre as duas estruturas precisa ser trabalhado, e feliz é o pastor que consegue lubrificar essas duas rodas da engrenagem eclesiástica. Líderes envolvidos com as duas estruturas precisam entender a função de ambas, sob pena de criar ressentimentos, paralisação do corpo simbólico de Cristo e ineficácia no avanço do reino de Deus. Algum tipo de tensão é inevitável, porque as duas estruturas são diferentes, e as pessoas tendem a desconfiar do que é diferen-

te. Contudo, onde existem diferenças, também existe maior potencial para complementação e crescimento. Na unidade da diversidade, o Espírito de Deus também aprecia trabalhar.

No processo de tomar decisões e na distribuição do orçamento, as duas estruturas deviam ser semiautônomas e mutuamente relacionadas em propósito e objetivo. Isso significa colocar em prática as seguintes sugestões:

- ◆ Distribuir entre as duas estruturas o poder de decisão.

- ◆ Aplicar o princípio defendido por Win Arn, no sentido de misturá-las, mantendo sempre recém-conversos nas comissões. São eles os que têm mais ligação com o sentido da estrutura missional, bem como têm mais contatos e amigos fora da igreja. De acordo com Arn, “pelo menos um em cada cinco membros da comissão deve ter-se unido à igreja nos últimos dois anos”.²

- ◆ Manter o grupo de oficiais com o foco na missão, treinando-os e fazendo-os entender que a principal meta da missão da igreja é conquistar pessoas para o reino de Deus. Ainda segundo Arn, é necessário que exista pelo menos um líder envolvido com a estrutura missional, para cada três líderes ativos na estrutura congregacional.³

- ◆ Arn também chama a atenção para o tempo investido em cada estrutura. Uma relação saudável é a seguinte: para cada três horas investidas na manutenção da igreja (somadas todas as horas de oficiais e pastor), pelo menos uma hora deve ser gasta na pregação do evangelho e não serviço à comunidade.

- ◆ As finanças devem ser discutidas em conjunto e, entre as atividades da igreja, a missão deve ter prioridade número um; não apenas na agenda das discussões, mas também no orçamento.

- ◆ Este princípio deve ser clara, ampla e intencionalmente comunicado: não existe igreja sem missão nem missão sem igreja. Essa tem que ser a linguagem e o desejo de cada crente.

- ◆ Todos os setores, departamentos, cargos e atividades da igreja devem estar a serviço da parceria entre as estruturas congregacional e missional.

- ◆ Devem ser estabelecidos programas que envolvam toda a igreja na cooperação em prol do êxito dessa parceria.

É oportuno lembrar que as relações numéricas estabelecidas por Win Arn são sugestivas, a partir de estudos a respeito do que ocorre, na prática, em igrejas norte-americanas. Outros estudos, entretanto, mostram que, quando existe tendência maior para a estrutura missional, ou seja, quando todo o complexo se move em direção a essa estrutura, o crescimento é maior.

Aparentemente, a afirmação de proporcionalidade direta entre a tendência para a estrutura missional e o crescimento numérico de membros é comprovada na realidade. Em outras palavras, quanto mais a igreja tende a se organizar segundo a estrutura missional, maior é seu crescimento numérico. Entretanto, acredito que deva haver limites a essa tendência.

Deve haver um máximo ideal depois do qual, por falta de estrutura congregacional, a estrutura missional começa a sofrer perda de conversos. Caso fosse verdadeiro o pensamento de que ilimitada tendência para a estrutura missional diretamente proporciona crescimento numérico, a organização (estrutura congregacional) seria desnecessária. Nesse caso, os recém-convertidos seriam deixados a esmo, sem assistência e sem crescimento pós-batismal.

Por essa razão, as duas estruturas precisam coexistir apoiando-se mutuamente. É assim que a igreja poderá cumprir plenamente o mandato de Cristo: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (Mt 28:19, 20). █

Referências:

¹ Lon Allison e Mark Anderson, *Going Public with the Gospel* (Downers Grove, IL: IVP Books, 2003), p. 318.

² Win Arn, *The Church Growth Ratio Book* (Monrovia, CA: Church Growth Inc., 1990), p. 14.

³ *Ibid.*, p. 12.

TENDÊNCIAS ESTRUTURAIS ECLESIASTICAS	
Estrutura congregacional	Estrutura missional
É mais para a igreja	É mais para seita (para-igreja)
Tipo de governo: consenso	Tipo de governo: missão
Foco: pessoas	Foco: tarefa
Compreensão de si mesma: pluralística	Compreensão de si mesma: “nós e os outros”
Prioridade: manutenção	Prioridade: expansão, extensão
Lenta em fazer mudanças	Ágil em fazer mudanças
Preocupações múltiplas	Preocupações concentradas
Consolida avanços	Realiza os avanços
Enfatiza o “ser”	Enfatiza o “fazer”
Crescimento biológico	Crescimento por conversão
Reduzido nível de comprometimento	Alto nível de comprometimento
Alimenta espiritualmente	Desafia espiritualmente
Burocrática, complicada	Fácil, descomplicada
Controla, supervisiona, estrutura	Delega, avança, cria estruturas simples
Cuida de doutrinas e crenças	Prega doutrinas e crenças
Protege a igreja e suas tradições	Ataca na frente da batalha
Tende a engolir a estrutura missional	Tende a ressentir-se contra a estrutura congregacional
Busca equilíbrio e estabilidade	Pronta a enfrentar lutas e desconfortos



A morte de Cristo e nossa salvação

Na propiciação cristã, a ira de Deus é afastada não por oferendas humanas, mas pela doação d'Ele mesmo em favor do pecador

Com o fim do primeiro século da era cristã e a morte de João, a última testemunha ocular do ministério de Cristo, começaram a vir à tona algumas perguntas: Quem foi Jesus? Por que Ele veio à Terra? Por que morreu? As respostas para tais questões nos chegam através de uma série de metáforas encontradas nas Escrituras como, por exemplo: o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo; o conquistador Rei dos reis; a Luz do mundo. Jesus era visto como Filho de Deus, um libertador cósmico, emissário celestial, mas também como o Filho do homem, identificado conosco.



Embora a Bíblia fale de reconciliação, expiação, adoção e redenção, uma das mais repetidas referências contém a ideia de resgate. “Tal como o Filho do homem que não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate [lutron] por muitos” (Mt 20:28). E Pedro diz: “Sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados [elutróthete] do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram. Mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo” (1Pe 1:18, 19).

“Divino amor – não existe meio de abalá-lo ou detê-lo. É uma implacável perseguição da parte de um Deus ansioso por ajudar o ser humano”

A ideia de resgate era comum no mundo antigo. A palavra indicava alguma coisa de valor a ser reclamada de uma casa de penhor. Também se referia à compra de liberdade por um escravo ou à compra de liberdade de um refém ou prisioneiro de guerra. Por isso, Paulo comenta: “Por preço fostes comprados [égorasthete]; não vos torneis escravos de homens” (1Co 7:23).

O preço do resgate

Entretanto, há uma questão envolvida nesse conceito: Se houve resgate, no contexto da história da redenção, quem recebeu o pagamento? Curiosamente, a Bíblia silencia a respeito disso. Durante séculos, um cenário dramático foi montado – em parte, fato; em parte, ficção. De acordo com a história, houve um trato entre Deus e Satanás. Adão tinha vendido seus direitos, na verdade, sua alma, ao maligno. Conhecendo o intenso desejo que o Pai celestial alimentava no sentido de ter Adão de volta, o inimigo requereu o preço final: a vida do Filho de Deus, principal objeto do ódio de Lúcifer.

Assim, Cristo penetrou no cenário

do confronto, viveu sob coação de Satanás e, finalmente, entregou Sua vida. Mas, ainda de acordo com a história, o adversário foi enganado e acabou ficando com nada mais que uma tumba vazia, pois o Pai ressuscitou o Filho, libertando-O da sepultura.

Apesar do aspecto imaginativo da narrativa, descobrimos aqui um pedaço de verdade. Realmente, Cristo deu Sua vida em resgate por nós pecadores. Porém, existe uma verdade mais importante que a resposta para a questão sobre quem recebeu o pagamento. Ou seja, na expiação efetuada por Cristo, foi pago um preço monumental a fim de que fosse concretizada a reconciliação entre nós, pecadores caídos que nos tornamos, e nosso justo Deus. “Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do Seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela Sua vida” (Rm 5:10).

Diante do Universo expectante, Deus demonstrou de uma de vez por todas quão longe estava disposto a ir para tornar possível a redenção de pecadores perdidos. Nessa extensão de Seu amor, está revelado o modo pelo qual o sacrifício de Cristo partilha qualidades de resgate. Jamais devemos nos esquecer de que foi nosso Deus quem tomou a iniciativa de nos resgatar: “tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo” (2Co 5:18). E continua a nos alcançar ainda hoje. Quando aceitamos Seu misericordioso convite, nós passamos a caminhar na certeza da salvação garantida pela morte e ressurreição de Cristo.

Em uma breve sentença, Paulo expõe a profundidade do que, para Deus, significa amar: “Mas Deus prova o Seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós” (Rm 5:8). Daqui, três verdades saltam diante nós: Primeira, Deus demonstra a qualidade do Seu amor. Segunda verdade, compreendemos nossa desesperada condição. Terceira, vemo-Lo iniciar todo o plano de salvação.

No plano de Deus, Cristo executa os termos do concerto eterno, em cumprimento ao compromisso firmado desde antes da fundação do mundo: o compromisso de que Ele deveria entregar voluntariamente Sua vida por nós. Como adventistas do sétimo dia, compreendemos muito bem que Ele estava cumprindo um propósito de proporções cósmicas.

Infelizmente, amor tem-se tornado uma palavra comum. Frequentemente, está relacionada a mero sentimento, e até confundida com emoções religiosas. Porém, como é usada na Bíblia, amor é uma palavra forte. O amor é agressivo. Deus veio ao nosso encalço para nos ajudar. O amor de Deus é um princípio, compromisso inabalável, inviolável, uma predisposição em nosso favor que não pode ser desconsiderada. Divino amor – não existe meio de abalá-lo ou detê-lo. É uma implacável perseguição da parte de um Deus ansioso por ajudar o ser humano. Ele é alguém que nunca desiste. Nesse sentido, Deus é amor.

Mais que um exemplo

Durante a Idade Média, um monge francês, Peter Abelard, elaborou um conceito que ele pensava descrever o real significado do amor. Isso veio a ser chamado de “teoria da influência moral”. Reagindo contra a ideia de resgate em seu tempo, ele argumentou que em nenhum sentido Cristo foi resgate, mas alguém elevado. Se tão-somente pudéssemos compreender a nobreza do caráter de Deus, arrazoava Abelard, nosso coração endurecido poderia ser enternecido e levado ao arrependimento, induzindo-nos a abandonar o pecado.

Para Abelard, a morte de Cristo foi realmente a maior demonstração do amor de Deus. Consequentemente, foi uma descrição do Seu caráter. Assim, Jesus sofreu conosco para nos deixar o exemplo. Ele Se identificou plenamente com a vida humana e experimentou de tudo a seu respeito. Sofreu *com* o pecador, não diretamente *pelo* pecador. A “teoria

da influência moral” reinterpreta o significado daqueles textos que nos dizem que Cristo morreu por nós.

Assim, a doutrina de Abelard frustra todo o quadro bíblico. Sua visão leve do pecado sugere que a dificuldade não advém tanto da violação do perfeito caráter de Deus e de Sua vontade, por parte do pecador, como da falha do pecador em compreender a afeição de Deus por ele. Isso não deixa margem para o ensino bíblico de que Cristo veio, não apenas demonstrar o amor de Deus, mas também para manifestar Sua justiça. Com a expiação descrita, principalmente, em termos de esclarecimento para nós a respeito dos propósitos de Deus, a obra de Cristo como sacrifício expiatório em favor dos pecadores é silenciada. O foco é direcionado para o esclarecimento moral interior, e não tanto para uma morte que resolveu o principal conflito que o pecado introduziu no Universo de Deus. Assim, Abelard nos trouxe uma verdade parcial: Jesus como demonstração, além de todo e qualquer questionamento, do infalível interesse de Deus por nós.

Atualmente, essa visão é vastamente disseminada em alguns círculos cristãos. Alguns sugerem que Cristo veio, primariamente, mostrar Seu interesse por nós, em nosso destino humano, partilhar de nossas mágoas e nos assegurar que Deus nos compreende e cuida de nós. Embora tudo isso tenha mérito, a ideia conduz à sutil sugestão de que, depois de tudo, o pecado não é realmente assim tão sério e que, para nós, é suficiente o conforto provido pela certeza de que o cuidado de Deus é incessante. L. Morris escreveu: “O ataque em tudo isso é sobre a experiência pessoal. Vista dessa maneira, a expiação não tem efeito no crente... É exatamente quando [essa teoria] alega que isso é tudo o que a expiação significa, que devemos rejeitá-la... Se Cristo realmente não fez nenhuma coisa através de Sua morte, então, estamos confrontados com uma peça teatral, nada mais... A menos que a

morte de Cristo realmente realize algo, ela não é, de fato, uma demonstração de amor.”¹

Contudo, salvação significa mais que bons sentimentos entre nós e Deus. Significa uma dura confrontação entre a justiça de Deus e a rebelião humana que envolve todos nós. Significa um amor que levou Cristo ao sacrifício máximo, a fim de obter nossa reconciliação com o Criador. Na verdade, a cena do Gólgota significa que Jesus Cristo assumiu a culpa de todo pecado e assumiu as consequências: alienação total de Deus. Aqui é revelada a profundidade do altruísta e persistente amor de Deus.

De acordo com Paulo, “Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras” (1Co 15:3). Esse texto diz, literalmente, que Cristo tomou nosso lugar como sacrifício (*hilasterion*), numa clara referência ao antigo sistema sacrificial hebraico. O princípio envolvido é o de substituição. Como era típico das religiões pagãs, os gregos antigos trabalhavam para apaziguar seus deuses, aplacar a ira deles e buscar seu favor, através de ofertas e um sistema específico de obras meritórias. Infelizmente, esse conceito ainda persiste entre alguns cristãos, às vezes, trazendo à tona certo conflito entre fé e obras. Com essa ideia pagã em mente, algumas pessoas veem a morte de Cristo como um ato de apaziguamento de Deus; por isso, rejeitam a verdade da expiação.

Estudo de caso

Conforme 1 João 2:2, nosso perdão é assegurado porque Jesus é nossa propiciação, reconciliação, ou sacrifício expiatório (*hilasmos*).² No Novo Testamento, esse termo é encontrado apenas em 1 João 2:2 e 4:10. No Antigo Testamento, ocorre cinco vezes, com vários significados relacionados (Lv 25:9; Nm 5:8; Ez 44:27; Am 8:14; Sl 129:4): em referência ao Dia da Expição, ao carneiro da expiação, à oferta do pecador e junto à ideia de culpa e perdão. Algumas versões da Bíblia traduzem *hilasmos*, em 1 João, como “propicia-

ção”. Na Versão Revisada, a palavra aparece traduzida como “expição”. Tanto a Nova Versão Revisada como a Nova Versão Internacional a traduzem como “sacrifício expiatório”.

Qual é a diferença entre esses termos? Propiciação, normalmente tem que ver com o apaziguamento de um deus irado. Nesse caso, a ira de Deus contra o pecado necessita ser aplacada. Bem Witherington explica: “Propiciação é um ato que apazigua a ira de Deus contra o pecado ou alguma ofensa, oferecido por um ser humano. Em contraste, expiação não é alguma coisa da qual Deus seja o recipiente ou objeto, mas sujeito. Refere-se ao ato divino de remover a profanação ou de purificar alguém do pecado, cobrindo ou protegendo esse alguém das consequências do pecado.”³ Esse último termo soa melhor hoje, porque o Deus bíblico não está associado com as caprichosas deidades pagãs. Entretanto, ao escolhermos o termo “expição” em lugar de “propiciação”, o conceito de ira divina tão frequentemente mencionado nas Escrituras pode ser prejudicado.

Portanto, muitos eruditos favorecem o uso de “propiciação”. Porém, nesse caso, ela não deve ser compreendida nos termos dos antecedentes pagãos que ocorrem na literatura não bíblica. J. Stott estabelece o seguinte: “A propiciação cristã é muito diferente, não apenas no caráter da ira divina, mas no significado pelo qual é realizada. Trata-se de um apaziguamento da ira de Deus, pelo amor de Deus e através do dom de Deus. A iniciativa não é nossa, nem mesmo de Cristo, mas do próprio Deus em Seu indescritível amor. Sua ira é afastada, não por oferendas humanas, mas pela doação de Si mesmo para morrer a morte dos pecadores. Esse é o meio que Ele mesmo proveu para remover Sua ira...”⁴

O termo *hilasmos* parece incluir os conceitos de propiciação e expiação, que podem ser refletidos na tradução “sacrifício expiatório”. João estabelece um padrão contra o falso conceito de pecado e, possivelmente, contra

a falsa compreensão de Cristo e Sua obra. Ele apresenta Jesus como nosso sacrifício expiatório e intercessor.

O favor do Pai

A morte de Cristo não sugere nenhum esforço da parte do Salvador para ganhar o favor do Pai. Com esse favor nas mãos, Ele caminhou confiantemente ao Calvário, apesar das reações próprias de Sua natureza humana. Somente na cruz, confrontado pelo afastamento da presença do Pai, numa demonstração de repulsa contra o pecado, toda a ruptura se tornou clara. Enquanto nossa culpa caía sobre Seus ombros, Ele deixou escapar dos lábios o agonizante clamor: “Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?” (Mt 27:46).

Com Suas palavras finais, “está consumado!” (Jo 19:30), o Salvador entregou Sua vida nas mãos do Pai e sofreu a segunda morte, carregando o peso da rejeição, por causa da rebelião do ser humano contra Deus. Nisso, Ele tomou nosso lugar. Foi dEle o desespero de pecadores completamente perdidos, atirados a um abismo de esquecimento, destituídos de esperança. “O Salvador não podia enxergar para além dos portais do sepulcro.”⁵ A morte O alcançou como a um pecador abandonado, solitário, no lugar que realmente pertence a cada um de nós.

Cristo não veio apaziguar, mas cancelar a culpa dos pecadores e purificá-los. Em nenhum sentido isso significa subornar o Pai. Ao contrário, foi um plano calculado de Deus, a respeito do qual Paulo disse que foi “para manifestar a Sua justiça, por ter Deus, na Sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da Sua justiça no tempo presente, para Ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus” (Rm 3:25, 26). Em vez de ser uma resposta aos requerimentos de Deus, o plano foi iniciativa dEle.

Jesus pagou o resgate e nos libertou do cativo do pecado, mostrando o quanto Deus nos ama. Porém, há muito mais. A real compreensão dessa verdade surge quando conseguimos captar a desesperada natureza do nosso pecado e como Deus deve tratar a rebelião que correu solta em Seu Universo. Nesse ponto, a grande questão é a justiça de Deus. Ele constrói a ponte sobre o abismo. E nos substitui no castigo, para demonstrar a imutável natureza de Sua lei e cumprir tudo o que é necessário. Cristo Se torna, então, o sacrifício divino; e Sua cruz, o altar (1Co 5:7). Maravilhados, nos pomos à parte, observando-O tomar nosso lugar, dando-Se por nós (Ef 5:2) e

oferecendo “para sempre, um único sacrifício pelos pecados” (Hb 10:12). Deus “enviou o Seu Filho como propiciação [expição] pelos nossos pecados” (1Jo 4:10).

Jesus Cristo demonstrou o quanto Deus nos ama. Ele veio assumir o inevitável castigo pela rebelião humana contra o infinitamente justo caráter de Deus. Em Cristo, nosso pecado foi julgado e condenado. A justa natureza de Deus permanece intacta, e sua violação, punida. Ele nos reconciliou com Deus e, agora, derrama as torrentes de benefícios da cruz sobre todos os que O aceitam pela fé. Tendo o Universo como testemunha de tudo isso, o que mais poderíamos fazer? ❏

Referências:

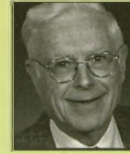
- ¹ L. Morris, *Evangelical Dictionary of Theology*, editado por Walter A. Elwell (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1984), p. 101.
- ² *Hilastérion* (propiciação, expiação – Rm 3:24) e *hilaskomai* (possibilitar perdão, fazer propiciação – Hb 2:17) são termos relacionados.
- ³ Bem Witherington III, *Letters and Homilies for Hellenized Christians: A Socio-Rhetorical Commentary on Titus, 1 e 2 Timothy and 1-3 John* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2007), v. 1, p. 460.
- ⁴ John R. W. Stott, *The Letters of John: An Introduction and Commentary*, Tyndale New Testament Commentaries (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1988), p. 93.
- ⁵ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 753.

Redenção planejada

O Céu encheu-se de tristeza quando se compreendeu que o homem estava perdido, que o mundo que Deus criara deveria encher-se de mortais condenados à miséria, enfermidade e morte, e não haveria um meio de livramento para o transgressor. A família inteira de Adão deveria morrer. Vi o adorável Jesus e contemplei uma expressão de simpatia e tristeza em Seu rosto. Logo eu O vi aproximar-Se da luz extraordinariamente brilhante que cercava o Pai. Disse meu anjo assistente: Ele está em conversa íntima com o Pai. A ansiedade dos anjos parecia ser intensa, enquanto Jesus Se comunicava com Seu Pai. Três vezes foi encerrado pela luz gloriosa que havia em redor do Pai; na terceira vez, Ele veio de Seu Pai, e podia ser visto. Seu semblante estava calmo, livre de toda perplexidade e inquietação, e resplandecia de benevolência e amabilidade, tais como não podem exprimir as palavras.

Fez então saber ao exército angelical que um meio de livramento fora estabelecido para o homem perdido. Dissera-lhes que estivera a pleitear com Seu Pai, oferecera-Se para dar Sua vida como resgate e tomar sobre Si a sentença de morte, a fim de que por meio dEle o homem pudesse encontrar perdão; que, pelos méritos de Seu sangue, e obediência à lei divina, ele poderia ter o favor de Deus, e ser trazido para o belo jardim e comer do fruto da árvore da vida.

A princípio, os anjos não puderam regozijar-se, pois seu Comandante nada escondeu deles, mas desvendou-lhes o plano da salvação. Jesus lhes disse que ficaria entre a ira de Seu Pai e o homem culpado, que Ele enfrentaria a iniquidade e o escárnio, e que poucos, apenas, O receberiam como o Filho de Deus. Quase todos O odiariam e rejeitariam. Ele deixaria toda a Sua glória no Céu, apareceria na Terra como homem, humilhar-Se-ia como homem, familiarizar-Se-ia pela Sua própria experiência com as várias tentações com que o homem seria assediado, a fim de que pudesse saber como socorrer os que fossem tentados. Finalmente, depois de cumprida Sua missão como ensinador, seria entregue nas mãos dos homens, e suportaria quantas crueldades e sofrimentos Satanás e seus anjos pudessem inspirar ímpios homens a infligir. Ele morreria a mais cruel das mortes, suspenso entre o céu e a Terra, como um pecador criminoso. Sofreria terríveis horas de agonia, as quais nem mesmo os anjos poderiam contemplar, mas esconderiam seu rosto dessa cena. Ele suportaria não apenas agonia física mas também mental, com que o sofrimento físico de nenhum modo se poderia comparar. O peso dos pecados do mundo inteiro estaria sobre Ele. Disse-lhes que morreria, e ressuscitaria no terceiro dia, e ascenderia a Seu Pai para interceder pelo homem perdido e culposos. – Ellen G. White, *História a Redenção*, p. 42, 43.



Diretor de Saúde da Associação Alto Columbia, Estados Unidos

Parceiros na missão de salvar



Quando pastores e profissionais de saúde trabalham em equipe, a mensagem da restauração divina adquire novo brilho

Certo dia, eu estava verificando a lista de pacientes a serem atendidos, quando chegou uma senhora perturbada. Era Vilma.* Enquanto me falava de seus sintomas, senti que sua necessidade era espiritual. Naquela época, minha caixa de ferramentas espirituais continha apenas um item: um convite para visitar minha igreja. Ela o atendeu, e quando lá nos encontramos, imediatamente, a encontrei ao pastor. Considerando que até então eu não tinha experiência em dar estudos bíblicos, deixei que ele se encarregasse disso. Quando começaram os estudos, Sharon, filha de 15 anos de Vilma, também se juntou a eles. Não se passaram muitas semanas até que as duas solicitaram batismo. Everett, o esposo de Vilma, observou a transformação das duas e também quis ser batizado.

Então, surgiu a questão da escola para Sharon. A instituição de Ensino Médio em que ela estudava tinha valores muito diferentes dos que, agora, abraçara. Assim, seus pais se interessaram em procurar uma escola cristã para ela. As obrigações financeiras, entretanto, pareciam esmagadoras. Porém, juntando o que os pais podiam fazer, o trabalho de Sharon na escola, uma ajuda do irmão mais velho e um pouco também da igreja local, a menina foi matriculada. Após concluir o Ensino Médio, Sharon ingressou numa das nossas faculdades.

Mudei-me para outra cidade e continuei clinicando. A escola de nossa igreja precisou de uma professora, Sharon se candidatou e nós a contratamos. Tempos depois, ela se casou e foi minha paciente durante a primeira gravidez, quando teve gêmeos. Ela e o

esposo tinham boa vida espiritual e inspiravam nos três filhos uma sólida amizade com Jesus.

Anos depois, a tragédia aconteceu. Um exame detectou a existência de câncer em seu seio. Apesar do intenso tratamento, a doença atingiu o cérebro. Houve muitas cirurgias, mas a enfermidade voltava cada vez mais forte. Seu pastor e os amigos faziam o máximo que podiam para ajudá-la. Ângela, uma de suas filhas, tornou-se enfermeira e foi morar na mesma cidade, a fim de assisti-la. Contudo, não muito depois de minha última visita à família, Sharon morreu. Cheguei à conclusão de que, apesar de todo o sofrimento, Deus fez curas milagrosas nas áreas espiritual e mental.

Desde a morte de Sharon, visitei Ângela algumas vezes. Agora, é ela quem necessita de apoio e está experimentando restauração e cura. Ela utiliza seus recursos físicos, mentais e espirituais, aliados à vida de

comunhão diária com Jesus, para partilhar a cura de Deus com seus amigos. E tem sido muito ativa na igreja. Também está atenta às necessidades físicas, tais como cuidadosa nutrição para saúde das células, exercícios para liberar tensões, horas regulares de sono, para estabilidade e renovação mental.

Tudo começou com Vilma buscando respostas físicas para problemas espirituais. Quando lhe foi dado um impulso espiritual, ela aproveitou e recebeu bênçãos físicas e espirituais. Sharon teve um problema físico que não conseguimos curar, mas foi curada mental e espiritualmente. Agora, Ângela necessita de saúde emocional, e a encontrará nos recursos físicos e espirituais.

Ao meditar em tudo isso durante mais de 45 anos de ministério médico, alguns pontos têm me levado a refletir: caso pastores e profissionais de saúde trabalhassem unidos, nossas igrejas poderiam ser muito melhores no atendimento às necessidades dos membros e mais efetivas no testemunho à comunidade.

Unidade tríplice

Há três itens dos quais não podemos esquecer: Primeiro, quando pessoas com necessidades especiais procuram os pastores, eles devem compreender a necessidade de considerar as áreas física, emocional e espiritual da vida, à medida que trabalham em parceria com profissionais de saúde,

Segundo, estudos mostram que valores na vida e espiritualidade são correlacionados em pacientes com HIV positivo.¹ Total sobriedade mantida pelos que tinham crenças e envolvimento espirituais era muito superior em relação aos reincidentes.² Há evidências de que a espiritualidade pode melhorar significativamente a cura do câncer.³ “Saúde total é possível somente quando corpo e espírito são integrados em uma realidade.”⁴ Pesquisas confirmam nossa compreensão de humanidade e natureza humana. É por

isso que pastores e profissionais de saúde se necessitam mutuamente. Eles podem formar um time efetivo em favor do rebanho com o qual se relacionam diariamente.

Terceiro, precisamos estar juntos, buscando ajuda mútua quando a necessitamos. Devemos estar juntos na igreja, mostrando que somos uma equipe, e precisamos trabalhar juntos na comunidade realizando programas de saúde. Não raro, temos relegado o papel do pastor num curso de arte culinária a orar pelos os alimentos, ou solicitado que um médico fale “uns três minutos”, sobre algum item de saúde no início de uma reunião evangelística. Isso é pouco.

Muitos que, inicialmente, não estão interessados em uma série de pregações, serão posteriormente atraídos a ela, ao participarem de um programa sobre saúde física, emocional e espiritual realizado na igreja ou em outro auditório. Somente Deus sabe quantos atuais membros da igreja se uniram a ela através de um programa de saúde.

Pastorado efetivo

Nos últimos anos, fizemos grandes avanços em nossa igreja local. Alguns profissionais de saúde chegaram a se reunir pela manhã, uma vez por semana, para estudar a Bíblia e orar com o pastor. Algumas diferenças foram ajustadas dando lugar a um espírito de confiança mútua, de modo que podemos contar uns com os outros no atendimento às pessoas. Sabemos que podemos encaminhar os mais complexos problemas a quem está mais qualificado para administrá-los, de acordo com sua especialidade. Trabalhando em equipe, somos mais efetivos do que trabalhando de forma isolada.

Atualmente, dirigimos programas semanais de saúde comunitária, em que profissionais trabalham fundamentados em informações científicas. Outras pessoas tratam de aspectos sociais e emocionais, e o pastor ocupa um terço do tempo com uma palestra sobre algum milagre de cura relatado nas Escrituras.

Quando trabalhamos em equipe, as mensagens de cura divina – fundamentadas no evangelho de Jesus Cristo e a esperança de vida eterna – adquirem brilho e poder novos. Se uma pessoa sofre, esse sofrimento passa a ser prioridade no atendimento prestado, em lugar das discussões sobre natureza da Trindade, profecias de Daniel ou o que acontecerá durante o milênio.

Imagine o quanto será mais efetivo seu pastorado se, através do trabalho conjunto com profissionais de saúde, você estiver mais capacitado a enfrentar os desafios físicos e mentais das pessoas com as quais entra em contato. Pense no quanto as pessoas serão mais abertas à mensagem espiritual, se você, primeiramente, levar liberdade e conforto nas áreas da vida em que elas mais sofrem. Não somos apenas seres espirituais, mas também físicos e mentais. Precisamos ser capazes de ajudá-las a ter bem-estar nessas três áreas. Lembremo-nos de como Cristo agia: “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me.’”⁵

Pastores e profissionais de saúde são instrumentos nas mãos de Deus. Ele é nosso Restaurador, Confortador e Salvador. Sem Ele, nada podemos fazer. Mas, podemos escolher cooperar com Ele e com outros servos dEle, na tarefa de alcançar sofredores, angustiados e perdidos ao nosso redor. ▀

Referências:

* Os nomes utilizados neste artigo são pseudônimos.

¹ Carla J. Groh e Kathleen M. Litwinczuk, *Journal of the Association of Nurses in Aids Care* 18, nº 3, maio 2007, p. 13-22.

² A. E. Brown, *American Journal of Drug and Alcohol Abuse* 33, nº 4, 2007, p. 611-617.

³ M. H. Torosian e V. R. Biddle, *Seminary on Oncology* 32, nº 2, 2005, p. 232-236.

⁴ C. J. van der Poel, *Hospital Progress* 61, nº 6, junho 1980, p. 50-55.

⁵ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 143.



Reitor do Seminário
Adventista Latinoamericano
de Teologia, Brasília, DF

HISTÓRIA

Uma igreja em crescimento

Planejamento, esforço, perseverança e envolvimento explicam o avanço adventista na América do Sul

Atualmente, a igreja adventista do sétimo dia na América do Sul tem uma das mais elevadas taxas de crescimento numérico e expansão geográfica em todo o mundo. Com a estratégia do evangelismo integrado e sob o lema “comunhão e missão”, pastores e membros implementam um programa integrado de crescimento sustentável para a igreja. Impressionado com o entusiasmo verificado na igreja do Brasil, o pastor G. Ralph Thompson, ex-secretário da Associação Geral, durante um seminário realizado na Universidade Andrews, em janeiro de 1990, se referiu ao país como um lugar em que o povo parece “respirar evangelismo”. A mesma coisa pode ser dita sobre outros países da América do Sul.

Talvez, algumas pessoas imaginem que o intenso crescimento da igreja adventista na América do Sul

seja resultado natural de se pregar para uma população receptiva. Indubitavelmente, essa região pode ser considerada muito mais aberta à mensagem do evangelho que algumas outras partes do mundo. Todavia, ao contrário de ser acidental, a experiência positiva desfrutada nestes dias foi construída com o passar do tempo, através de muito esforço e contínuos experimentos metodológicos.¹ O presente artigo destaca os principais pontos no desenvolvimento dessa experiência.

Evangelismo através da literatura

Conforme sabemos, os primeiros adventistas do sétimo dia a chegar na América do Sul foram algumas famílias russo-alemãs, que foram batizadas na Europa e emigraram, nos anos 1880, para Rio Cunha, perto de Rio

dos Cedros, em Santa Catarina.² Porém, entre 1879 e 1880, um pacote de revistas intituladas *Die Stimme der Wahrheit* (A Voz da Verdade) já havia sido entregue no porto de Itajaí, no mesmo estado de Santa Catarina.³ Mais literatura procedente da Alemanha e França alcançou o continente sul-americano, despertando interesse na mensagem adventista. Não demorou muito, o escritório da *Review and Herald*, em Battle Creek, Estados Unidos, recebeu algumas correspondências da América do Sul, solicitando a visita de missionários.

Em dezembro de 1891, três colportores, E. W. Snyder, C. A. Nowlen e A. B. Staufer, chegaram a Montevideu, Uruguai. Imediatamente, eles



se mudaram para Buenos Aires, Argentina. Sendo que nenhum deles falava nem compreendia espanhol nem português, e apenas Stauffer falava alemão, começaram a trabalhar entre os imigrantes ingleses e alemães, tentando alcançar, na medida do possível, pessoas interessadas na mensagem adventista. Durante os anos 1890, apareceram muitos outros colportores e os primeiros batismos foram realizados por F. H. Westphal, que chegou à Argentina em 1894,⁴ e outros pastores.

“Crescer em quantidade não significa sacrificar a qualidade. Podemos crescer muito, mas precisamos crescer bem”

Evangelismo público

Muitos daqueles primeiros colportores realizaram pequenas reuniões evangelísticas, durante a noite, com famílias que se tornaram interessadas na mensagem adventista, por meio da literatura. Com o passar do tempo, alguns evangelistas se aventuraram a fazer reuniões maiores. No início de 1927, o Concílio da Divisão Sul-Americana recomendou não apenas “um esforço mais agressivo por parte dos evangelistas”, mas insistiu: “que cada presidente, superintendente e departamental, planeje definidamente, na medida do possível, se unir a pelo menos um esforço evangelístico em 1927”.⁵ No ano seguinte, o presidente da área, Carlyle B. Haynes, notável evangelista, exemplificou a teoria realizando uma grande série evangelística em um sofisticado auditório de Buenos Aires, direcionada à população local de fala inglesa. Em adição às reuniões evangelísticas, a campanha também se tornou “um instituto de treinamento ministerial para obreiros”.⁶ Enquanto isso, o envolvimento leigo avançava sob o lema “cada converso um gerador de converso”.⁷

Até os anos 1940, o evangelismo público na América do Sul seguiu uma abordagem apologética protestante, o que não era bem recebido pela população predominantemente católica romana. Pouco depois, o evangelismo adventista experimentou significativa mudança de paradigma. Walter Schubert, imigrante alemão da Argentina, substituiu a abordagem tradicional por um novo método mais sensível “à psicologia básica da sociedade católica”.⁸ De acordo com Daniel Belvedere, as campanhas de Schubert “começavam com um concerto de música clássica e religiosa, seguindo-se uma série de palestras sobre problemas do mundo; então, havia outra série sobre a solução para as dificuldades enfrentadas pelas pessoas em geral e outra sobre relacionamento humano. Finalmente, ele introduzia as grandes verdades da Bíblia”,⁹ utilizando terminologia familiar à sua audiência católica. O “Sr. Evangelismo”, como Schubert chegou a ser conhecido, inspirou muitos evangelistas, alguns dos quais seguiram a estratégia de coordenar simultaneamente várias séries na mesma cidade.¹⁰

Em 1970, Daniel Belvedere introduziu o evangelismo da Semana Santa, na Associação de Buenos Aires. Esse programa consistiu na realização de reuniões evangelísticas todas as noites, durante toda a semana antes da Páscoa. Foram estabelecidos 147 pontos de pregação paralelos em diferentes bairros, 17 programas “A Voz da Mocidade”, ao lado de outras reuniões conduzidas por pastores. Foram envolvidos 262 pregadores leigos, jovens e adultos, apoiados por mais de 600 obreiros voluntários. Mais de 4.300 pessoas assistiram às reuniões.¹¹ Desde então, o evangelismo de Semana Santa tem-se espalhado através de toda a América do Sul, tornando-se importante instrumento de pregação.

Evangelismo de rádio e TV

Durante os turbulentos dias da

Segunda Guerra Mundial, as pessoas se tornaram mais receptivas aos elementos proféticos das Escrituras e à esperança da volta de Jesus. Assim, em 1943, o programa radiofônico “A Voz da Profecia” foi ao ar pela primeira vez no território da América do Sul. O programa era apresentado no idioma espanhol, inicialmente como “A Voz da Profecia”. Doze anos mais tarde passou a ser chamado “La Voz de la Esperanza” e tinha como orador Braulio Pérez Marcio.¹² Na língua portuguesa, A Voz da Profecia era transmitido no Brasil por Roberto Mendes Rabello.¹³

Ao lado das transmissões, foram estabelecidas escolas bíblicas por correspondência, para ajudar os ouvintes interessados em receber estudos bíblicos. Sob o título “Empezó ya la ‘ofensiva aérea’”, L. H. Lindbeck sugeria em um artigo que, assim como as forças aéreas estavam desempenhando importante papel naquela guerra, A Voz da Profecia devia fazer o mesmo na “guerra contra Satanás”.¹⁴

Naqueles dias, o rádio era muito popular, e programas de alta qualidade, como A Voz da Profecia, ajudavam a construir boa reputação para a igreja bem como a despertar interesse na mensagem adventista. Em determinados lugares, o próprio nome do programa era usado como propaganda para campanhas evangelísticas. Tal estratégia ajudava não apenas a abrir portas em lugares pouco receptivos à identificação “Igreja Adventista do Sétimo Dia”, mas também a alcançar muitos ouvintes do programa. Mesmo assim, muitos desses acabavam não sendo alcançados e se uniam a outras denominações evangélicas.

Com o intento de estabelecer uma ponte entre o programa e seus ouvintes, no fim dos anos 70, a liderança brasileira de A Voz da Profecia passou a incentivar as principais igrejas de cada distrito pastoral a estabelecer “Minifiliais de Escolas Bíblicas”.¹⁵ Endereços de pessoas que solicitavam estudos bíblicos

eram enviados pela Escola Bíblica por Correspondência do programa para essas minifiliais de cada distrito, a fim de que os interessados fossem visitados pelo pastor, instrutor bíblico, ou alguém habilitado para ministrar os estudos. Em abril de 2001, um novo programa de estudo bíblico interativo, *on line*, foi criado e disponibilizado no endereço www.bibliaonline.net, com uma interessante rede de “instrutores, visitantes, intercessores, conselheiros voluntários e pastores”, empenhados em dar assistência às pessoas interessadas na mensagem adventista.¹⁶

No início dos anos 60, começou a ser feita uma produção sistemática de programas de TV. Assim, em novembro de 1962, Alcides Campolongo lançou, através da TV Tupi, São Paulo, o programa “Fé Para Hoje” que, pouco tempo depois, passou a ser transmitido também no Rio de Janeiro e em Porto Alegre.¹⁷ Em junho de 1963, Enrique Chaij também lançou, pelo Canal 13 de Buenos Aires, um programa de cinco minutos chamado “Momentos de Meditación”. Esse programa continuou até 1970, quando o pastor Chaij começou a transmitir pela TV uma versão do seu programa radiofônico “Una Luz en el Camiño”.¹⁸ Nos anos 80, A Voz da Profecia lançou outro programa de TV chamado “Encontro com a Vida”,¹⁹ que, no início dos anos 90, foi substituído pelo “Está Escrito”.²⁰

Essas e algumas outras iniciativas alcançaram seu clímax com o desenvolvimento de uma rede de rádio e TV chamada “Novo Tempo” (Nuevo Tiempo, nos países de fala espanhola da DSA). As estações de TV são sucursais do “Hope Channel” [Canal da Esperança]. Enquanto isso, os sites www.esperanca.com.br (português) e www.esperanzaweb.com (espanhol) provêm o apoio básico para a expansão evangelística. Toda a rede é coordenada pelo Sistema Adventista de Comunicação, inicialmente estabelecido em Nova Friburgo, RJ, e atualmente, em Jacaré, SP, no Brasil.

Pregação a grandes audiências

No fim dos anos 80, uma nova fase na expansão evangelística foi introduzida no Brasil pelo pastor Alejandro Bullón, peruano que, naquela época, liderava os jovens da União Este-Brasileira. Em 1986, Bullón organizou uma reunião campal de jovens em Itabuna, BA, que atraiu mais de dez mil jovens de todas as regiões do Brasil.²¹ O êxito desse empreendimento serviu como base para o lançamento de grandes cruzadas de reavivamento e evangelismo em estádios e ginásios esportivos. A primeira dessas cruzadas teve lugar em 1988, com o nome de “Projeto Sol” (Semana de Oração e Louvor), no Ginásio do Ibirapuera, na cidade de São Paulo, atraindo mais de trinta mil pessoas.²² Como atividades preparatórias para o evento, cada jovem foi encorajado a 1) desenvolver amizade com outro jovem não-adventista, 2) incentivar essa pessoa a participar de um culto de pôr-do-sol de sexta-feira num ambiente familiar, 3) estudar o “Seminário As Revelações do Apocalipse” e, 4) assistir a um programa especialmente preparado para visitantes, num sábado na igreja.²³

Em cada uma das oito noites do “Projeto Sol”, foi feito um apelo específico para que os visitantes aceitassem a Cristo como seu Salvador e Senhor. Durante as duas décadas seguintes, o pastor Bullón realizou eventos similares em muitas outras cidades do Brasil e em todos os países da América do Sul, com um programa centralizado em Cristo como solução para as crises existenciais. Esse programa pode ser realizado durante toda a semana (Projeto Sol) ou apenas no fim de semana (Projeto Revive).

Sob a inspiração da campanha norte-americana denominada “NET 95”,²⁴ um programa evangelístico de nove dias foi lançado por Mark Finley, na cidade de São Paulo, em junho de 1999, sendo conhecido como “Atos 2000”. A partir do Centro Universitário Adventista de São Paulo, Unasp (campus de São Paulo), a campanha foi transmitida via satélite

para muitas igrejas brasileiras e para outros países de fala portuguesa. Estima-se que tenha sido acompanhada por aproximadamente 200 mil pessoas.²⁵

No ano seguinte, os pastores Henry Feyerabend e Joel Sarli apresentaram a série “Esperança 2000” na igreja de Vila Formosa, também na cidade de São Paulo. Abrangendo as 27 doutrinas adventistas, as palestras também foram transmitidas via satélite para todo o Brasil e Portugal. Somente na União Central-Brasileira, 1.800 antenas foram instaladas em igrejas, auditórios e casas, de modo que a campanha alcançou cerca de 300 mil pessoas.²⁶ Desde então, projetos semelhantes têm sido implantados em outras partes do Brasil e, em menor escala, em alguns outros países da América do Sul.

Pequenos grupos

Ao longo do tempo, experiências têm sido realizadas no sentido de estabelecer os pequenos grupos no território da Divisão Sul-Americana. Imediatamente depois que o plano de filiais da Escola Sabatina foi lançado em 1934 pela Associação Geral,²⁷ também foi implementado na América do Sul. Mais tarde, foram feitos planos para reorganizar, tanto quanto fosse possível, as classes da Escola Sabatina em “unidades evangelizadoras”, com base na proximidade geográfica das residências dos membros. No início dos anos 70, o pastor Mário Veloso deu início às *koinonias*, na Universidade Adventista del Plata, na Argentina. As *koinonias* eram unidades de jovens que “se encontravam uma vez por semana na casa de um dos seus membros”.²⁸ Daí, o projeto foi disseminado pela União Austral e eventualmente alcançou toda a América do Sul.²⁹

Em novembro de 1981, a Comissão Executiva da Divisão Sul-Americana votou implementar o assim chamado “Projeto Pioneiro”. Então, foi recomendado que, no sábado 27 de março de 1982, pelo menos uma

unidade evangelizadora da Escola Sabatina de cada congregação deixasse permanentemente a “igreja-mãe”, a fim de estabelecer um novo núcleo adventista em um lugar previamente escolhido.³⁰ Não há dúvida de que esses projetos pavimentaram o caminho para a adoção e consolidação dos pequenos grupos.

No ano 1982, um livro de Paul Yonggi Cho, disponível em inglês, espanhol e português,³¹ influenciou bastante o desenvolvimento do conceito de pequenos grupos e não demorou muito para que eles surgissem em diferentes partes da América do Sul, mas sem continuidade. Com o passar do tempo, contudo, os pequenos grupos se tornaram uma das mais fortes estratégias para o crescimento da igreja no Peru.³² O sucesso peruano inspirou a liderança da igreja a adotar a mesma estratégia básica para seu programa de evangelização, conservação e discipulado de membros na Divisão Sul-Americana.

Evangelismo integrado

Todos os programas de evangelização mencionados até aqui são incorporados no que se convencionou chamar de “evangelismo integrado” na igreja da América do Sul. O conceito de “evangelismo integrado” se desenvolveu e abrange grandes projetos evangelísticos, que incluem administradores, diretores de departamentos, servidores de instituições, pastores distritais e membros em geral.³³ Mais recentemente, o programa foi ampliado de modo a envolver maior espectro de estratégias, com cada segmento da igreja usando seus próprios recursos para cumprir, o mais efetivamente possível, sua missão evangelística.

Excelente exemplo dessa integração de forças e métodos é o “Projeto Impacto Esperança” lançado em 2008 em toda a América do Sul. O projeto alcançou seu clímax no sábado, 6 de setembro, com a distribuição de 20 milhões de revistas e 25.5 milhões de folhetos com mensagens sobre a segunda vinda de Jesus. Tudo isso

foi complementado pela exposição de *outdoors* em muitas cidades, adesivos em automóveis, CDs, transmissão de vídeos, palestras e encontros evangelísticos.

Edições especiais da *Revista Adventista*, em português e espanhol,³⁴ orientaram todos os departamentos e instituições sobre as formas de participar no projeto. Por exemplo, as duas casas publicadoras da DSA doaram o material impresso. As indústrias de alimento enviaram brochuras aos seus clientes e muitas instituições educacionais organizaram projetos de distribuição da literatura em cidades ou vilas circunvizinhas sem presença adventista. Ao lado de seu potencial evangelístico e espiritual, o projeto gerou forte sentimento psicossocial de pertencer a uma igreja que cumpre com entusiasmo sua missão no mundo. ■

Quantidade e qualidade

No território da América do Sul, as realidades socioculturais diferem de um país para outro. Existem lugares mais resistentes que outros à pregação do evangelho eterno. Contudo, a experiência da igreja nessa região demonstra mais uma vez que seu crescimento e expansão não acontecem por acaso. Tudo é resultado de muito planejamento, experiências e tentativas, persistente trabalho, enquanto tentamos integrar todo o pessoal e forças institucionais em um grande e bem elaborado programa de evangelização.

O presidente da igreja adventista na América do Sul, Pastor Erton Köhler, afirma que “a preocupação é que o crescimento em quantidade não sacrifique a qualidade. Podemos crescer muito, mas precisamos crescer bem. Para isso, precisamos estimular cada membro a desempenhar seu papel como missionário”.³⁵

Na realidade, o grande foco da evangelização na América do Sul é amplamente devido ao cooperativo envolvimento de pastores e membros na missão que nos foi confiada por Jesus Cristo.

Referências:

- ¹ Floyd Greenleaf, *The Seventh-Day Adventist Church in Latin America and the Caribbean* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1992).
- ² Victor Vicenzi, *História de Rio dos Cedros* (Blumenau, SC: Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1975), p. 124, 125.
- ³ Germano Streithorst, *Revista Adventista*, março/1958, p. 29.
- ⁴ F. H. Westphal, *Pioneering in the Neglect Continent* (Nashville, TN: Southern Publishing, 1927).
- ⁵ Carlyle B. Haynes, “A larger evangelism”, *South American Bulletin*, fevereiro/1927, p. 1.
- ⁶ _____, *Adventist Review and Sabbath Herald*, 30/08/1929, p. 18, 19.
- ⁷ _____, *South American Bulletin*, maio-novembro/1929.
- ⁸ James Zackrison, *Ministry* setembro/1979, p. 14.
- ⁹ Daniel Belvedere, *Revista Adventista* (Argentina), maio/1981, p. 19.
- ¹⁰ Rubén Pereyra, *Revista Adventista* (Brasil), outubro/1976, p. 16-18.
- ¹¹ Daniel Belvedere, *El Ministerio Adventista*, julho-agosto/1971, p. 9.
- ¹² Milton Peverine Garcia, *Vida de Bráulio Pérez Marcio, Fundador de La Voz de la Esperanza* (Nampa, ID: Pacific Press, 2007).
- ¹³ Léo Ranzolin, *Uma Voz Dedicada a Deus: A Vida de Roberto Rabello*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007).
- ¹⁴ L. H. Lindbeck, *Revista Adventista* (Argentina), agosto/1943, p. 11.
- ¹⁵ *Revista Adventista* (Brasil), março/1979, p. 28; dezembro/1979, p. 21.
- ¹⁶ *Ibid.*, julho/2002, p. 28.
- ¹⁷ R. M. Rabello, *Revista Adventista* (Brasil), outubro/1963, p. 17.
- ¹⁸ Enrique Chaij, *Esse Chico Travesso... Llamado por Dios* (Buenos Aires, AR: Ediciones E, 2005), p. 67-100.
- ¹⁹ Roberto Conrad Filho, *Revista Adventista* (Brasil), setembro/1988, p. 12, 13.
- ²⁰ Assad Bechara, *Ibid.*, novembro/1991, p. 41.
- ²¹ Wilson de Almeida, *Ibid.*, agosto/1986, p. 20-23.
- ²² *Revista Adventista* (Brasil), setembro/1988, p. 17-21.
- ²³ *Ibid.*, abril/1988, p. 20, março/1988, p. 20, junho/1988, p. 20, 21.
- ²⁴ William G. Johnsson, *Adventist Review*, fevereiro/1995, p. 8-10.
- ²⁵ Vanderlei Dorneles, *Revista Adventista* (Brasil), julho/1999, p. 13-16.
- ²⁶ Paulo Pinheiro, *Ibid.*, julho/2000, p. 22, 23.
- ²⁷ Departamento de Escola Sabatina da Associação Geral, *A Escola Sabatina: Sua História, Organização e Objetivos* (Washington, DC: Review and Herald, 1938), p. 164-167.
- ²⁸ Mário Veloso, *El Ministerio Adventista*, julho-agosto/1979, p. 6-9.
- ²⁹ Daniel Rode, *DavarLogos*, v. 3, nº 1, 2004, p. 61.
- ³⁰ *Revista Adventista* (Brasil), janeiro/1982, p. 24.
- ³¹ Paul Yong Choo, *Successful Home Cell Groups* (Plainfield, NJ: Logos International, 1981); *Grupos Familiares y el Crecimiento de la Iglesia* (Miami, FL: Vida, 1982); *Grupos Familiares e o Crecimiento da Igreja* (Miami, FL: Vida 1982).
- ³² Werner Mayr, *Revista Adventista* (Argentina), julho/2000, p. 5-8.
- ³³ *Revista Adventista* (Brasil), julho/1999, p. 28.
- ³⁴ *Revista Adventista* (Brasil), maio de 2008; *Revista Adventista* (Argentina), junho/2008.
- ³⁵ Erton Köhler, *Revista Adventista* (Brasil), janeiro/2007, p. 7.



Reitor da Universidade
Adventista da África,
Nairobi, Quênia

O perfume de Maria

“Em verdade vos digo: Onde for pregado em todo o mundo o evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua” (Mc 14:9)

De todos os seguidores de Cristo, antes de Sua morte, provavelmente Maria Madalena teria sido a menos identificada com a missão da igreja. No entanto, em Marcos 14:9, Jesus liga diretamente as duas: Maria Madalena e a missão. Mas, que relação existe entre o vaso de alabastro de Maria e a pregação das boas novas de esperança para o mundo, como missão da igreja? O que é tão importante na atitude de Maria que credencia sua história a ser contada onde quer que o evangelho seja pregado? A resposta: comprometimento, autonegação, autossacrifício, entrega de si mesma.

Maria Madalena não é estranha. Seu nome traz à nossa mente uma garota seduzida por Simão, indivíduo preeminente. Era uma jovem que, possivelmente tentando evitar a tagarelice e o ridículo a que seria exposta na aldeia de Betânia, se mudou para Magdala. Ali, ela perdeu

sua identidade e foi iniciada na prostituição. Porém, o perdão com que foi contemplada pelo Mestre a libertou e induziu a um relacionamento de amor e total comprometimento.

Para Maria, estar aos pés de Cristo era um hábito que mostra o modo pelo qual ela adquiriu força e comprometimento, justamente como acontece com você e eu, quando nos assentamos a Seus pés, cada manhã, contemplando Sua face e ouvindo Sua voz, no estudo da Bíblia e na oração. Isso descreve o “como” do comprometimento.

A festa e a dádiva

Porém, aprendemos o “quê” desse comprometimento, na tarde em que Simão ofereceu uma festa em homenagem a Cristo. Os convidados estavam comendo e se alegrando, quando uma mulher entrou furtivamente, dirigindo-se apreensiva ao convidado de honra. Com o coração

parecendo prestes a saltar do peito, ela se ajoelhou, começou a chorar e regar com lágrimas os pés do convidado. Enxugou-os com seus longos cabelos, quebrou o vaso de alabastro e ungiu os pés do Mestre com o precioso bálsamo.

Maria foi além das lágrimas de arrependimento, gratidão e apreciação. Ela enxugou as lágrimas com seus cabelos. Escrevendo aos coríntios, Paulo diz que o cabelo é a glória da mulher (1Co 11:15). Então, Maria publicamente derramou sua glória aos pés de Jesus. Isso é autonegação. Também revelou autossacrifício, ao dar o que pareceu ser a economia de uma vida. Aquele perfume era preparado com raízes e tronco de uma planta encontrada nas montanhas do Himalaia, na Índia. Para conseguir, a pessoa tinha que subir ao cume da montanha, arrancar a erva, antes de abrir suas folhas, secá-las e extrair um óleo aromático que resultava no

perfume muito caro. Exportado para a Palestina, sua compra era extremamente dispendiosa.

“Precisamos de líderes que humilhem a si mesmos e sejam exemplos de entrega”

O vaso de alabastro também era muito caro. Era um frasco selado, feito de uma pedra especial e tinha um longo gargalo que precisava ser quebrado para se usar o perfume.

Marcos 14:5 nos dá uma ideia do preço daquele perfume – mais de um ano de salário. Colocado nessa perspectiva, dois denários foi tudo o que o bom samaritano da parábola pagou ao hoteleiro pelo cuidado do homem ferido, encontrado na estrada de Jericó (Lc 10:35). Naquela época, dois denários pagavam dois meses na hospedaria. O perfume de Maria custou mais de 300 denários. A exemplo da viúva, ela colocou todas as suas economias aos pés de Cristo. Isso é autossacrifício.

Lição necessária

Aqueles que eram mais íntimos de Cristo, dos quais se podia esperar compreensão quanto ao que estava acontecendo, e que podiam apoiar o gesto de Maria, na verdade, a criticaram duramente: “Indignaram-se alguns entre si e diziam: Para que este desperdício de bálsamo? Porque este perfume poderia ser vendido por mais de trezentos denários e dar-se aos pobres. E murmuravam contra ela” (Mc 14:4, 5).

Este era o problema daqueles homens e, provavelmente, seja também o nosso hoje. Naquele momento, eles foram acometidos pelo mal que faz alguém navegar longe do que realmente importa. Não surpreende que a nenhum deles tenha sido dado o privilégio de ser o primeiro a transmitir palavras de esperança, como foi dado a Maria, mas foram informados de que deveriam esperar até que estivessem bastante comprometidos para receber o poder do

Espírito Santo. Na verdade, Maria foi uma demonstração viva de autonegação e autossacrifício. Ela revelou um comprometimento total que fez dela a primeira portadora das palavras de esperança: “Ele ressuscitou”. Enquanto todos os outros seguidores haviam desaparecido, ela permaneceu firme até a ressurreição.

Marcos 14:5 estabelece que o perfume poderia ter sido vendido por mais de um ano de salário; porém, Maria deixou tudo isso aos pés do Senhor. Seu gesto mostra que devemos Lhe render nossas habilidades, capacidade, poder e glorificação própria, antes de sermos achados capazes de cumprir a missão da igreja. O que é mais importante a respeito do gesto de Maria com o vaso de alabastro é que ela não se limitou a cantar “tudo entregarei”, mas praticou essa experiência. Ela foi a personificação da autoentrega, sacrifício pessoal e total comprometimento, virtudes que devem acompanhar a proclamação do evangelho.

A igreja não pode conquistar muito sem o total comprometimento de seus líderes e membros. Precisamos de líderes que humilhem a si mesmos e sejam exemplos de entrega, dedicação e sacrifício. Comprometimento é a força motriz que o Espírito Santo usará para nos levar ao cumprimento da missão. Seguramente, em qualquer lugar em que o evangelho for pregado, também será lembrado o comprometimento de Maria Madalena.

Exemplo vivo

Não faz muito tempo, eu liderava uma campanha evangelística em Goaso, Gana. Um grupo de jovens oriundos de Kumasi se uniu a nós, durante as últimas duas semanas da campanha, para ajudar na música e nos estudos bíblicos. No fim da primeira semana, houve um violento temporal na região. Trovões rugiam por entre relâmpagos que ameaçavam rasgar o céu em pedaços. Naquele momento particular, o líder do

grupo se encontrava dando estudos bíblicos e foi atingido por um raio. Acreditamos que Deus operaria um milagre e oramos durante toda a noite, enquanto ele era transferido do pequeno posto de saúde local para o maior hospital da região. Infelizmente, o jovem faleceu.

A superstição dos moradores associada com a morte de um homem causada por um raio gerou medo entre algumas pessoas. Razoável desencorajamento turvou nosso céu porque, no contexto da superstição contra o poder de Deus, emergiram muitas interrogações. Apelei aos jovens para que voltassem a Kumasi, acalmassem os respectivos familiares e preparassem o funeral de seu líder. Para minha surpresa, a resposta foi: “Não voltaremos. Deixaremos o corpo no necrotério até terminarmos a campanha”.

Ninguém retornou muito menos se queixou. Com renovadas forças, continuaram a trabalhar com afinco e, como resultado, uma igreja foi estabelecida. Aqueles jovens não eram empregados da igreja, não eram assalariados nem estavam esperando ocupar alguma função na igreja. Simplesmente, se dedicaram voluntariamente à evangelização. Isso é comprometimento. Eles tinham aprendido a gastar tempo com o Senhor, em oração, estudo da Bíblia e testemunho, que são os três elementos indispensáveis e interligados para todo crescimento sustentável na igreja de Cristo.

O ponto principal é o seguinte: Onde quer que o evangelho seja pregado, serão lembrados amor, autonegação, entrega, sacrifício pessoal e comprometimento de Maria. Deixemos que o Espírito Santo desenvolva em nós essas qualidades, enquanto proclamamos as boas novas de salvação. Então, nossos escritórios emitirão esperança, nossos relacionamentos transmitirão esperança e nossa proclamação gerará esperança, enquanto nós, sob o poder de Deus, trabalharemos para cumprir a missão que Ele nos confiou. ▀



A história dos pequenos grupos

Sacerdócio de todos os crentes, desenvolvimento espiritual, fraternidade e discipulado são valores básicos da igreja em células

Deus usa a História para melhorar o futuro. Somente poderemos tomar decisões sábias para o desenvolvimento dos ministérios da igreja, se considerarmos relevante a História, ou se, no outro extremo, nos tornarmos prisioneiros do passado ao ponto de negligenciarmos as necessidades e oportunidades contemporâneas.

A História revela os efeitos negativos que a união estado-igreja e o institucionalismo tiveram sobre o cristianismo. Em 313 a.D., o cristianismo se tornou a religião nacional em Roma, sob liderança do imperador Constantino. De religião ilegal, praticada nos lares, se tornou a religião que cultuava em grandes catedrais tanto em Constantinopla como em Roma. As igrejas nos lares desapareceram, resultando no declínio do crescimento numérico e espiritual. Em razão disso, o senso de companheirismo e intimidade foram

substituídos por catedrais, rituais e formalidade. Em 1456, a Bíblia de Gutenberg saiu do prelo, dando início à revolução tipográfica que libertaria a Bíblia do confinamento clerical para as mãos do povo. Pequenos grupos de cristãos voltaram a se reunir nos lares para estudar as Escrituras junto a lazeiras, despertando a espiritualidade na vida dos participantes.

Durante a Reforma

Martinho Lutero defendia três tipos diferentes de culto: a liturgia em latim, a missa em alemão e os grupos de reuniões nos lares. Apesar disso, não implantou os pequenos grupos. Ele reformou o vinho doutrinário, mas negligenciou reformar o odre estrutural da igreja por causa de seu espírito de cautela, considerações políticas, e por acreditar que as igrejas que responderam aos seus escritos careciam de vigor espiritual. Quando Lambert de Avignon desejou implan-

tar os pequenos grupos em Hesse, Lutero o desencorajou, temendo que fosse negligenciado o cuidado pastoral de pessoas alheias aos grupos.

Uma rede de pequenos grupos foi implantada em 1520 por Ulrico Zwinglio. Nos três anos seguintes, houve um grande movimento espontâneo de pequenos grupos nos distritos de Zurique. Infelizmente, as reuniões nos lares foram banidas pelo concílio de Zurique, em 1525, porque seus participantes estavam ensinando o batismo de adultos, rejeitado pela tradição católica.⁴ Em 21/01/1515, um desses grupos desafiou a decisão do concílio e se reuniu para praticar o rebatismo. Esse foi o início dos anabatistas. Os pequenos grupos surgiram a partir de uma necessidade. Lutero teve que admitir que havia mais qualidade nos cultos anabatistas, que ele tanto hostilizava e perseguia, do que nas congregações luteranas. Os anabatistas que não

tinham templos se reuniam nos lares para o culto e a comunhão.

Outra figura-chave na reforma da igreja no século 16 foi Martin Bucer, que passou grande parte da vida em Estrasburgo. Calvino era discípulo de Bucer que, em assuntos teológicos, se posicionava entre Lutero e Zwinglio. Mas, foi na eclesiologia e na experimentação prática dos pequenos grupos que ele se destacou entre os reformadores. Bucer acreditava que a santificação era um processo e que a vida religiosa se desenvolvia em estágios. Logo, as pessoas necessitam de assistência para avançar nesses estágios. Para restaurar o cristianismo primitivo, Bucer sugeria uma “segunda reforma” na igreja. Essa expressão tem sido usada para defender a necessidade de pequenos grupos.

“A estrutura de pequenos grupos é vital para o cumprimento da missão da igreja”

Após a Reforma

Pessoas insatisfeitas com a forma de vida desenvolvida na igreja anglicana foram chamadas de “puritanas”, por destacarem a importância da pureza na doutrina, na eclesiologia e na vida. Além do culto regular aos domingos, eles realizaram várias reuniões de pequenos grupos, chamadas *conventicles*. As pessoas eram divididas em grupos de doze, conforme sexo, idade, profissão e raça. Então, se reuniam nos lares, para oração, estudo da Bíblia e dos sermões apresentados nas reuniões coletivas. A opinião dos historiadores é que esses *conventicles* foram bem-sucedidos em seu objetivo de transformar vidas.

Os puritanos que se desencantaram com o puritanismo formaram o grupo dos *quakers*. No início desse movimento, os seguidores de George Fox tremiam de emoção quando estavam reunidos nos lares, espe-

cialmente quando oravam. Daí, seus oponentes os chamaram de *quakers*, ou seja, “aqueles que tremem”. Desejando restaurar o cristianismo, sentiram que edifícios, liturgia e sacramentos não eram importantes. Conquanto ainda continuassem frequentando reuniões de culto, passaram a se reunir também nos lares para orar e estudar a Bíblia.

Os pequenos grupos também foram praticados pelo movimento pietista que pretendia ser uma renovação do protestantismo (reforma dos ensinamentos, não do estilo de vida). Philip Jacob Spener iniciou o programa de pequenos grupos em 1670, para estimular o estudo da Bíblia, promover boas obras, encorajamento mútuo e supervisão. Spener chamava seus grupos de *collegia pietatis* (grupos religiosos). Esses grupos se reuniam duas vezes por semana e eram frequentados por homens e mulheres que discutiam o sermão de domingo, usando livros devocionais e a Bíblia. Na Universidade de Leipzig, entre 1689 e 1692, e, mais tarde, na cidade de Halle, August Hermann Franckle iniciou um pequeno grupo frequentado por destacados membros da sociedade e da família imperial. Provavelmente, Zinzendorf, líder dos morávios, tenha frequentado as reuniões dos *collegia*. Ali, ele começou sete desses grupos com seus amigos.

Em 1722, o conde Nicolaus Ludwig von Zinzendorf, aristocrata criado numa família pietista luterana, estabeleceu um campo de refugiados religiosos provenientes da Moravia e Boêmia, em suas terras, na Saxônia. Essa comunidade, mais tarde chamada de *Herrnhut* (abrigo do Senhor), se desenvolveu com forte estrutura de pequenos grupos, para se tornar o maior movimento missionário protestante do mundo até então.

Quando foi organizada a comunidade de Herrnhut, eram usados três tipos de pequenos grupos. O primeiro, formado por homens casados, era chamado de *Banden* (faixas) e tinha participação voluntária. As reuniões

eram nos lares com duração de uma hora, para confissão e orações mútuas. Cada um falava honesta e abertamente sobre sua vida espiritual.

Os “coros” dividiam os membros em grupos homogêneos: casados, viúvas, jovens, rapazes, etc. Finalmente, surgiram as “sociedades de diáspora”, estabelecidas como grupos de missionários que viajavam por outras terras, onde se reuniam nos lares para orar e ler. Enquanto os “coros” eram designados para o ensino, as “faixas” consistiam apenas de reuniões de encorajamento.

A França também teve exemplos de pequenos grupos organizados por um nobre católico chamado Gaston de Renty. Após ter um encontro transformador com Cristo, Renty encorajou sua geração à prática da santidade e dedicou a vida ao cuidado dos pobres, transformando seu castelo em abrigo para camponeses. Esse trabalho foi realizado graças ao desenvolvimento de uma rede de 50 pequenos grupos, com aproximadamente mil membros, que também se ocupavam da oração, estudo da Bíblia e busca da santidade.

Renty via o serviço cristão como contexto para o desenvolvimento da santidade pessoal. Por isso, foram fundados hospitais e escolas acessíveis aos pobres. Mais tarde, esse modelo foi copiado por Wesley, que manteve seus pequenos grupos afastados da ênfase no misticismo e na introspecção, por reconhecer que a preocupação excessiva com a espiritualidade própria poderia levar a uma atitude egoísta. A obra de Renty evidencia o desejo de imitar a igreja cristã primitiva e o anseio em crescer em santidade através do envolvimento missionário e da ação social.

Samuel Wesley, pai de John Wesley, iniciou o alicerce para um tipo de sociedade religiosa entre 1701 e 1702. Sua esposa, Suzana, iniciou em seu lar reuniões que cresceram de tal maneira que o esposo, alarmado, lhe pediu que parasse. Ela se recusou a fazê-lo e João Wesley deu continuidade ao movimento. Após sua

experiência com o Clube Santo em Oxford, que se reunia para promover a religião prática, Wesley foi convidado por Whitefield para pregar ao ar livre, em Bristol. Percebendo que não era suficiente apenas pregar, ele teve que encontrar um meio de manter o Céu no coração do seu povo.

Em 1742, o Senhor inspirou Wesley a desenvolver as “Classes Metodistas”, que se reuniam nos lares para compartilhar experiências espirituais, sem preocupação com doutrina ou informação bíblica. O programa iniciava com um hino seguido pelo testemunho do líder sobre sua experiência naquela semana: lutas, tentações e falhas, dando oportunidade para que outros fizessem o mesmo. Os grupos alcançavam o máximo de 12 pessoas que, a partir daí, se dividiam para iniciar novo grupo. Mais tarde, ele elaborou uma rede de grupos interligados, que incluíam as sociedades, reuniões de classe, as “faixas”, os grupos dos penitentes e as sociedades seletivas. T tamanha era a convicção de Wesley sobre a importância dos pequenos grupos que ele decidiu não desperdiçar tempo com pessoas que se recusassem a fazer parte deles.

Lições

Tudo o que vimos até aqui, de acordo com Peter Bunton, fornece as seguintes reflexões:

Universalidade. Os pequenos grupos surgiram em diferentes períodos históricos, denominações e ambientes socioculturais. Variaram desde os primeiros séculos da era cristã, passando pela Idade Média e os séculos 16, 17 e 18. As referências culturais incluem da Palestina até a Escandinávia, Suíça, Inglaterra, França, Alemanha, Ásia e Estados Unidos. Os pequenos grupos têm sido usados por denominações tão diversas como anglicanos, luteranos, puritanos, *quakers*, batistas, morávios, metodistas e católicos romanos. Também é possível observá-los alcançando os mais diferentes níveis sociais.

Motivação. Uma variedade de motivações para o estabelecimento dos

pequenos grupos pode ser discernível ao longo da História. Primeiramente, cria-se que a igreja devia ser restaurada e modelada conforme a igreja do Novo Testamento, que se reunia nos lares, em pequenas comunidades. Em segundo lugar, havia busca de santidade ética e pessoal. Finalmente, percebe-se a utilidade dos pequenos grupos para atender necessidades materiais e espirituais dos participantes ou não participantes.

Justificativa. A principal justificativa para os pequenos grupos era o retorno às práticas da igreja primitiva. Textos como o de Mateus 18:15-20 foram usados por Lutero, Bucer e Spener, para legitimar a implementação dos pequenos grupos.

Valores fundamentais. Os pequenos grupos floresceram devido a um sistema de valores e base teológica que dão sustentação ao programa. Adotá-los por razões apenas organizacionais é perder o foco. No entanto, eruditos concordam que a estrutura de pequenos grupos é vital para a igreja, tanto em termos organizacionais como por outras vantagens oferecidas para o cumprimento da missão. Os valores básicos fundamentais para a prática de pequenos grupos são: ensino bíblico do sacerdócio de todos os crentes, desejo de alcançar maior espiritualidade, desejo de ser responsáveis uns pelos outros e de alcançar os perdidos.

Os pequenos grupos são o melhor ambiente para ensino, dissipação de dúvidas e diálogo sobre os diversos assuntos, sem medo de julgamentos ou rejeição. Esse sistema pode florescer em diferentes culturas e ambientes, atendendo a uma necessidade básica que é pertencer a um grupo.

Movimento. Os pequenos grupos prosperam quando há um líder que comunica a visão e articula o propósito do movimento. De fato, é necessário que eles integrem uma rede de grupos. Células isoladas tendem a não se desenvolver, ao contrário do que acontece quando são claras sua missão e identidade. É preciso definir as razões de sua existência,

regras de participação e as metas a ser alcançadas.

O funcionamento dos pequenos grupos é ideal somente quando se objetiva a renovação do movimento, quer seja para revigorar a denominação existente ou para estabelecer um novo núcleo. Os que iniciam novas igrejas parecem ter mais sucesso do que os que buscam reformar as antigas.

Multiplicação. Esse era o alvo de algumas das mais bem-sucedidas redes de pequenos grupos. Assim foram as sociedades da diáspora e as classes metodistas.

Liderança capacitada. É fundamental para o êxito dos pequenos grupos que seus líderes sejam adequadamente treinados. Eles precisam ter encontros para aprendizado, inspiração, apoio mútuo e devem ser modelos para os demais.

Constituição e objetivos. Os grupos podem ser multifuncionais. Temos visto vários deles providenciando cuidado pastoral e assistência prática nas áreas do discipulado, ensino, oração, ação social e evangelismo. Além disso, os grupos devem ter como alvo atender as necessidades das pessoas da comunidade exterior bem como dos membros do grupo; devem ser abertos aos descrentes.

Local de reuniões. As células funcionam melhor nos lares ou em ambientes informais. Observações feitas por Martin Bucer e Spener sugerem que reuniões de pequenos grupos na casa do pastor ou em edifícios de igrejas tiveram efeito desestimulador. Os morávios desaconselhavam reuniões em igrejas. Talvez, esses ambientes causem fadiga cognitiva nos membros do grupo.

Contextualização. Trata-se da adaptação dos princípios e valores básicos à cultura e sociedade ao meio em que as células estão inseridas.

Ministérios especiais. Wesley descobriu que certas pessoas tinham problemas com os quais era difícil lidar. Por isso, criou as classes reabilitadoras, semelhantes às dos alcoólicos anônimos, para atender a esses casos específicos. ▀

2009: Futuro com esperança



Pastores Bolívar Alaña, Erton Köhler e Marino Oliveira

da ASN

Depois do êxito do “Projeto Impacto Esperança”, realizado no ano passado, a igreja adventista na Divisão Sul-Americana está prestes a reviver fortes emoções com a execução de um novo projeto intitulado “Futuro com Esperança”, lançado por ocasião das reuniões da Comissão Diretiva da DSA, nos dias 10 a 13 de novembro. Assim como na investida anterior foram distribuídas milhares de revistas contendo mensagens sobre a volta de Jesus, neste ano será distribuído o livro *Sinais de Esperança*, com uma abordagem mais direta e profunda do mesmo tema das revistas.

Porém, isso não é tudo. Segundo o pastor Erton Köhler, presidente da DSA, o que se pretende fazer em 2009 é aproximar os membros do estilo de vida da igreja primitiva. “Naquele período, a igreja estava unida, o Espírito Santo foi derramado de modo especial, milhares de novos crentes foram acrescentados e a base das ações missionárias eram os lares”, explica o líder. Inspirada nessa experiência, a liderança da DSA quer usar lares e templos para a pregação da Palavra, pequenos grupos, evangelismo de colheita e classes bíblicas.

O projeto “Futuro com Esperança” está dividido

em quatro fases, a primeira das quais acontecerá entre os dias 23 e 30 de maio, durante a Semana da Família. Na segunda fase, com início previsto para o dia 30, 600 mil lares adventistas da América do Sul deverão abrir suas portas para receber amigos, familiares, vizinhos e colegas de trabalho não adventistas, num encontro fraternal e evangelístico. O horário deve ser o mais apropriado para os convidados.

A terceira fase inclui oração intercessora, o trabalho dos pequenos grupos, duplas missionárias e classes bíblicas, preparando interessados para a quarta fase, que é o evangelismo

de colheita, via satélite, dirigido pelo pastor Mark Finley, a partir de Brasília (24-31 de outubro) e de Cochabamba, Bolívia (1-7 de novembro). O alvo do projeto é levar 100 mil pessoas ao batismo, nas duas semanas de evangelismo. “Nosso desafio é ver cada pequeno grupo levando pelo menos, uma pessoa ao batismo durante essas duas semanas. Será o maior batismo na história da igreja na América do Sul. Aliás, penso que podemos ir além. O ‘Impacto Esperança’ já provou do que a igreja é capaz, quando está unida, envolvida e dirigida por Deus”, finaliza o pastor Erton. ■



Comissão diretiva da DSA





Foto: Abetstock

Não perca esta oportunidade

Aprimore-se como
conselheiro inscrevendo-se
no Curso de Pós-Graduação
em Aconselhamento
Educativo e Familiar que o
Unasp – campus Engenheiro
Coelho, oferecerá de 05 a 25
de janeiro de 2009.

Informe-se:

(19)3858-9026

(19)3858-9311

www.ec.posgraduacao@unasp.edu.br

HUMOR

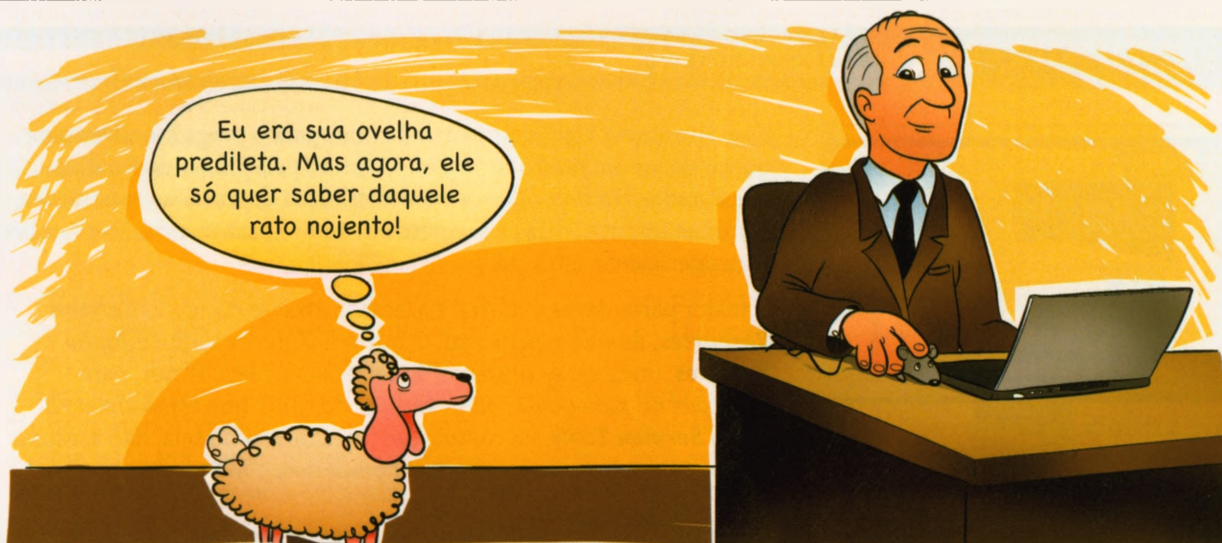


Ilustração: Carlos Serbelli / Jasiel Botelho



O Centro de Pesquisas Ellen G. White e o Centro Nacional da Memória Adventista lançaram em 15 de novembro a Enciclopédia da Memória Adventista no Brasil. Esse veículo, que pretende promover o conhecimento e a preservação da História de nossa Igreja no país, está publicado e disponível unicamente no site do CNMA: www.memoriaadventista.com.br. Nele, você terá acesso à Rádio da Memória Adventista, e a diversos outros materiais para *download*, como fotos, documentos históricos, vídeos, e-books, sobre a história de pioneiros e diversos segmentos da obra adventista, tais como instituições educacionais, médicas, filantrópicas, centros de mídia etc. Se você possui informações a respeito dos tópicos abordados no *site*, envie-as para nós. O *link* 'Colabore' explica como fazer isso.

POETAS ADVENTISTAS DO BRASIL

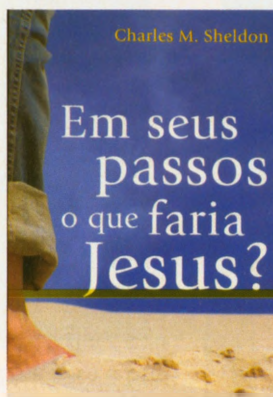
Tercio Sarli (organizador), Certeza Editorial, Campinas, SP; tel. (19) 3241-0397, certezaeditorial@terra.com.br 399 páginas.

Neste livro, estão reunidas algumas produções poéticas de autores que fazem parte da comunidade adventista, e que, de alguma forma, se destacaram na composição de diversas poesias sobre temas variados, mas, sobretudo, natureza, amor, Deus, salvação, família, fé e confiança. Trata-se de leitura agradável e útil, afinal, “a Bíblia, desde a primeira poesia do Gênesis, até o último cântico dos anjos no Apocalipse, é o mais completo repositório de poesia que se conhece”.



EM SEUS PASSOS, O QUE FARIA JESUS?

Charles M. Sheldon, Editora Mundo Cristão, 278 páginas.



Este livro narra as profundas mudanças ocorridas quando um pastor desafia sua comunidade a praticar a fé em Jesus Cristo. À medida que ela aceita o desafio, coisas incríveis acontecem na vida das pessoas e daqueles que a rodeiam. A pergunta: “O que faria Jesus em meu lugar?” passa a orientar todas as ações desse grupo, causando uma reviravolta sem precedentes.

VEJA NA INTERNET

www.bettersermons.org



Esse site é uma verdadeira mina de ouro para o pregador adventista que pode ler um pouco de inglês. Mantido pela União do Pacífico, nos Estados Unidos, oferece ótimos esboços de sermões, ilustrações, histórias infantis, dicas e sermões em áudio (para inspiração e também para aperfeiçoar seu inglês).

A maior parte desse material é acessada através da opção **Sermon Resources**, do menu principal. O outro *link* interessante é **Audio Archives**, onde estão centenas de sermões em *Real Player*, para *download* ou para ouvir *online*. Muitos dos *links* que estão abaixo do título **Sermon Tools**, na coluna que fica à direita da tela, dão acesso a outros ótimos sites com material homilético. – Márcio Dias Guarda



Êxito de verdade

Dúvida. Essa é a palavra que melhor descreve o sentimento que experimentei no fim de um ano de trabalho. Estava no início do meu ministério e tinha feito planos extraordinários para meu distrito. Aquele tinha sido um ano de muito esforço, muitos eventos e atividades. Embora as pessoas elogiassem meu desempenho, eu me sentia frustrado. Queria ter batizado mais pessoas.

Então, aflorou a dúvida: “Será que devo me conformar em ser um pastor medíocre? Será que vou perder prestígio diante de minha igreja e de meus líderes? Será que fui realmente chamado por Deus para o ministério?” Com o passar do tempo, porém, Deus me ajudou a compreender que o êxito no ministério pastoral não é medido pelas estatísticas. Não sou contra o uso de estatísticas na igreja. Porém, creio que devemos usá-las como a Bíblia as usa. No ministério de Cristo e dos apóstolos, com frequência, vemos o uso dos números para descrever a ação divina, o avanço do reino e o crescimento da igreja. Esta é a verdadeira utilidade das estatísticas no ministério: demonstrar o que Deus tem feito por Sua igreja.

Contudo, nem nos evangelhos nem no livro de Atos, você encontrará qualquer menção de números para determinar o êxito ou o fracasso de Jesus ou dos apóstolos. Ou seja, biblicamente, o ministério pastoral não pode ser avaliado por números, pois eles nem sempre revelam a condição espiritual da igreja ou a fidelidade do pastor no cumprimento de seu dever.

Ao instruir os doze discípulos, Jesus os preveniu: “Se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés” (Mt 10:14). A falta de resultados numéricos não é apontada como fracasso dos discípulos. Uma multidão de cinco mil homens, além de mulheres e crianças, foi alimentada por Jesus. Vinte e quatro horas depois apenas doze continuavam a segui-Lo. Isso não é prova de que Jesus fracassou naquele momento.

Sendo assim, em que consiste o sucesso no ministério pastoral? Creio que encontramos a resposta na declaração de Paulo: “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé” (2Tm 4:7). Essa é uma declaração incrível, considerando que foi escrita na cela de uma prisão depois que todos na Ásia o haviam abandonado (ver 4:16). Pouquíssimos eram os que lhe davam apoio,

mas ainda assim ele afirmou confiante: “Já agora a coroa da justiça me está guardada” (2Tm 4:8). Em que se pode basear o êxito de Paulo? Obediência

“De acordo com a Bíblia, o ministério pastoral não pode ser avaliado por números”

ao chamado é a resposta. Eis a medida de um pastor de sucesso: obediência ao chamado para proclamar o Reino de Deus e preparar uma igreja para o encontro com o Senhor. Em algumas situações, multidões serão alcançadas; em outros casos, haverá rejeição e desprezo. Porém, se estiver cumprindo fielmente seu ministério, o porta-voz será considerado vitorioso.

Amigo, aprenda a lidar com as estatísticas usadas em nossa estrutura eclesial. Elas o ajudarão a se manter focado no programa da igreja e integrado ao corpo geral de obreiros. Mas não pense que elas determinam seu êxito ou fracasso. Lembre-se de que Jonas pregou e uma multidão aceitou sua mensagem. Por outro lado, todos os que ouviram a pregação de Isaías rejeitaram a mensagem de Deus. Numericamente, Jonas foi um sucesso, mas aos olhos de Deus tudo leva a crer que Isaías teve um ministério superior.

O que importa mesmo é que seu chamado esteja enraizado em profundo relacionamento com Deus e obediência à Sua Palavra. Como disse Oswald Chamber, em seu livro *My Utmost for His Highest*, “a plena abundância da vida está... não em ver a obra de Deus progredir, mas no perfeito conhecimento de Deus e na mesma comunhão que Jesus teve com Ele”.

A LEITURA ENGRANDECE A ALMA

DICAS DE
LEITURA



Você conhece Deus? Que diferença isso faz? Jon Paulien, professor e pesquisador, aborda o tema da salvação individual. *Deus no Mundo Real* esclarece os elementos básicos da mensagem do evangelho e demonstra como essa mensagem pode ser expressa de modo a fazer sentido no ambiente secular.

Cód. 10405



Como conseguir uma espiritualidade autêntica e vibrante? Quais são os hábitos espirituais que realmente fazem diferença? O que fazer para alcançar a excelência espiritual? Neste livro, o autor convida você a engajar a mente, o coração e o corpo na busca de uma experiência real com o Deus vivo.

Cód. 10657



Com boa dose da terapia do riso e muita sabedoria, o autor expõe as causas principais do cansaço e prescreve o remédio bíblico para tratá-las. Aprenda a vencer a ansiedade, banir a tristeza, colocar em ordem as prioridades, lidar com o desânimo, encontrar o perdão, seguir seu chamado e muito mais.

Cód. 9184

Adquira
logo os seus!

Para adquirir, ligue: 0800-9790606*, acesse: www.cpb.com.br,
faça seu pedido no SELS ou dirija-se a uma das Lojas da Casa.

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h / Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h.

